



70 ANOS

MINISTÉRIO

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MAI - JUN • 2024

A SEITA DO CAMINHO

Essencialmente
sobre Cristo!

O enigma
dos 144 mil

Os perigos
da subversão

PDF

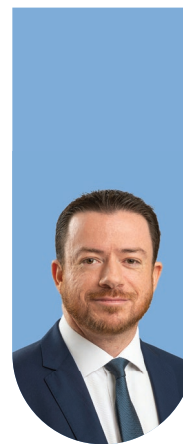
P4

48378 – Revista Ministério Mai / Jun

2 April 2024 9:40 am



O CAMINHO ESTREITO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Depois que Adão e Eva foram expulsos do Éden, querubins foram postos a leste do jardim para “guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3:24). A desobediência resultou em dor, morte e uma porta fechada. No entanto, outro caminho foi aberto. Com peles de cordeiro sobre o corpo e a promessa do Descendente no coração, nossos primeiros pais deram os primeiros passos no caminho da graça em direção ao paraíso perdido. A partir de então, de Gênesis 3 a Apocalipse 21, vemos a história de um povo em movimento de volta para casa.

Entre aqueles que andaram com Deus e seguiram o caminho da retidão estavam Enoque (Gn 5:24), Noé (6:9), Abraão (17:1), Samuel (1Sm 9:6) e muitos outros maratonistas da fé. Durante a jornada em direção à Terra Prometida, o povo de Israel também foi chamado a trilhar o caminho da obediência (Êx 16:4), seguindo Àquele que ia “adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os iluminar, a fim de que caminhassem de dia e de noite” (Êx 13:21).

De acordo com os sábios, “o caminho da vida leva para cima” (Pv 15:24), e “é como a luz do alvorecer, que vai brilhando mais e mais até ser dia claro” (4:18), ao passo que “o caminho dos ímpios é como a escuridão” (v. 19), que, um dia, “perecerá” (Sl 1:6). Assim como havia no Éden “duas árvores tão intimamente unidas com o destino do homem” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, [CPB, 2022], p. 58), a Bíblia apresenta dois caminhos opostos: o largo conduz à perdição e o estreito à vida eterna (Mt 7:13, 14). É interessante observar que, na literatura rabínica, a doutrina dos “dois caminhos” era comum e apontava para a conduta moral dos seres humanos, que era revelada pelas boas ou más ações.

Na Bíblia, os substantivos *derekh* (heb. “caminho”, aparece 706 vezes no AT) e *hodós* (gr. “caminho”, ocorre 101 vezes no NT) apontam não apenas para um caminho literal, mas, na maioria dos casos, para um sentido figurado, referindo-se à experiência da vida. Os próprios cristãos utilizaram o termo *hodós* para identificar a si mesmos, pois tinham um curso sistemático de conduta (1Co 4:17) e seguiam doutrinas com base nas Escrituras, não na tradição vigente. Consequentemente, foram acusados de serem uma seita (At 24:14). Vale lembrar que “caminho” foi um dos primeiros sinônimos de cristianismo. Essa associação

pode ter surgido da declaração de Cristo sobre ser o “caminho” (Jo 14:6), ou de Sua referência ao caminho estreito.

O povo remanescente de Deus também foi retratado como estando em um caminho. Em sua primeira visão, datada de dezembro de 1844, Ellen White descreveu: “Vi um caminho reto e estreito, colocado em um lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, viajando para a cidade que estava na sua extremidade mais afastada. [...] Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que estava bem diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros” (*Vida e Ensinos*, [CPB, 2014], p. 40).

“
Se, em algum momento, você duvidar ou enfraquecer, não se esqueça de olhar para o Caminho.”

Hoje, você e eu estamos nessa jornada. Não podemos nos distrair com prazeres, comodidades ou provocações. Na reta final do caminho estreito, é melhor ser acusado de “seita” do que aceitar as mentiras do caminho largo. Se, em algum momento, você duvidar ou enfraquecer, não se esqueça de olhar para o Caminho. Apegue-se a Cristo e à Sua Palavra! Esse é o fio condutor não apenas desta edição da *Ministério*, mas deve ser o da nossa vida. Em breve, retornaremos ao Éden perdido e teremos novamente acesso à árvore da vida (Ap 22:14). ■



8

Somos uma seita?

Samuel Bastos



16

Essencialmente sobre Cristo!

Alberto R. Timm

12

O enigma dos 144 mil

Marcos De Benedicto

20

Os perigos da subversão

Manolo Damasio

27

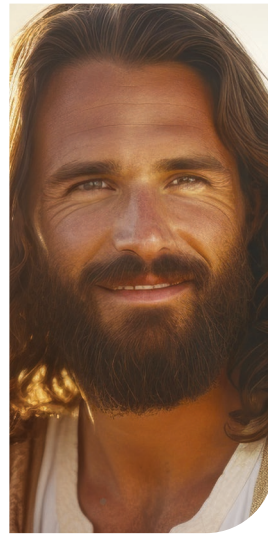
Pastor exemplar

José Calixto

24

Jesus, sim! Doutrinas, não?

Joel Iparraguirre



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 95 – Número 573 – Mai/Jun 2024
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Glauber Araújo
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez;
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Álvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Ralides
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 102,00
Exemplar Avulso: R\$ 20,90

ablr
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

5935 / 48378

Compreenda
e reflita

sobre a poderosa oração que
marcou o ministério de Cristo.



MKT CPB | Abbe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor • (5) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br

**CPB**
pra toda a vida

Baixe o
Aplicativo CPB

   /cpbeditora



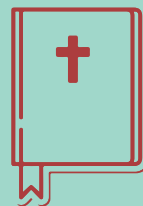
Escreva para a
MINISTÉRIO

 ministerio@cpb.com.br

AaI Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain
Revelation* (Berrien
Springs, MI: Andrews
University Press,
2013), p. 46.

Insira **notas** de
fim de texto



Use a versão
bíblica **NAA**



Envie uma foto
pessoal em alta
resolução



Escreva textos de
8 mil até **12 mil**
caracteres com
espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Lucas Alves
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

ENTRELINHAS



CRESCIMENTO PESSOAL

Tudo no reino de Deus cresce, multiplica-se e ocupa o espaço que Ele designou. Na criação, o Senhor disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra” (Gn 1:28); no livro de Êxodo, está registrado o crescimento dos israelitas no Egito: “Quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam” (Êx 1:12); durante o reinado de Salomão, o reino de Israel também prosperou de maneira singular (1Cr 29:23). Ao longo da Bíblia, vemos outras referências significativas: o próprio Jesus crescia em “sabedoria, estatura e graça” (Lc 2:52), a igreja crescia em número (At 16:5) e os cristãos são chamados a crescer “em tudo” (Ef 4:15).

Deus é especialista no crescimento de coisas, nações, igreja e indivíduos. Ele tem um desejo real de que todos os Seus filhos cresçam. A importância do nosso crescimento pessoal está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade do serviço que prestamos. Talvez não exista no ministério um meio mais poderoso de abençoar a igreja do que o nosso crescimento pessoal. Estas palavras são inspiradoras: “Nosso primeiro dever para com Deus e nossos semelhantes é o desenvolvimento próprio. Toda habilidade com que o Criador nos dotou deve ser cultivada no mais alto grau de perfeição, para que possamos realizar o máximo de bem que pudermos” (Ellen G. White, *Orientação da Criança* [CPB, 2021], p. 114).

Que elementos podem contribuir para esse desenvolvimento individual? Há pelo menos cinco aspectos que podem servir como colunas para o desenvolvimento próprio. Aqui, vou apresentar o primeiro, e continuarei nas próximas edições.

Autorresponsabilidade. Não delegue à Associação/Missão ou qualquer braço da igreja ou instituição a responsabilidade primária pelo seu desenvolvimento. Assuma o protagonismo do seu crescimento e o considere uma espécie de “bênção extra”. Para John C. Maxwell, os verdadeiros líderes “assumem a responsabilidade

por suas responsabilidades” (*O Líder 360°*, p. 90). Ou seja, o maior responsável pelo seu crescimento é você mesmo. Ellen White afirmou: “Deus nos tem como responsáveis por tudo que poderíamos nos tornar pelo bom uso de nossos talentos” (*Mensagens aos Jovens* [CPB, 2021], p. 236). Lembre-se, portanto, de que todo esforço que você empreender nesse sentido será coroado das bênçãos de Deus.

No mundo dos negócios, as pessoas precisam de comprometimento para obter êxito. Na obra de Deus não pode ser diferente. Ellen White escreveu:

“Se um homem possui tato, atividade e entusiasmo, terá êxito nos negócios temporais, e as mesmas qualidades, quando consagradas à obra de Deus, se demonstrarão duplamente eficazes; pois o poder divino se aliará ao esforço humano” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 5, p. 233). Deus sempre recompensará aqueles que assumem seu papel, que não se desviam de seus deveres, que não temem atrair as responsabilidades para si e confiam plenamente nas promessas para se tornarem tudo o que Ele sonhou. ■

“
O maior responsável pelo seu crescimento é você mesmo.”



A INTIMIDADE DO CASAL

A vida ministerial é cheia de momentos de alegria, compaixão e amor. No entanto, também há fases marcadas por frustração, estresse e angústia. Esses altos e baixos não afetam apenas o pastor, mas também sua esposa. O relacionamento do casal pastoral frequentemente sofre devido às demandas da igreja e do lar. Datas especiais, como o aniversário de casamento ou o Dia dos Namorados, nos lembram da importância de sempre manter acessa a chama do amor.

Para entender melhor essa dinâmica, convidamos a terapeuta Dilene Ebinger para uma entrevista. Com uma experiência profissional de 25 anos, ela tem conduzido sessões de aconselhamento para casais e palestras em diversos países. Autora de vários livros, Dilene é mestre em Psicologia pela Universidade Cristã da Flórida, nos Estados Unidos. Casada com o pastor Kesil Ebinger, eles têm dois filhos: Kenny e Keylene.

Quais são os fatores que mais inibem o pastor de ser um companheiro romântico em datas especiais?

Existe uma crença generalizada de que os homens têm mais dificuldade em demonstrar suas emoções do que as mulheres. Sabemos que essa crença surge a partir de rótulos sociais e, infelizmente, acaba influenciando bastante o comportamento masculino. Além disso, há outros fatores que também inibem o marido de ser mais romântico com sua esposa. Um deles é o medo de não ser bem-visto por seus colegas, receio de que suas demonstrações românticas possam ser interpretadas como sinal de fraqueza ou subordinação à mulher. Outro fator é o egoísmo. Isso ocorre quando o homem se concentra somente em suas necessidades e ignora as de sua companheira. Também há aqueles homens que nunca tiveram uma referência ou um modelo masculino para os influenciar nesse aspecto. Eles não tiveram a oportunidade de aprender observando o pai (ou outra figura masculina) realizar gestos românticos para com sua esposa.



Por fim, percebemos que existem homens que simplesmente não estão dispostos a desenvolver novos comportamentos. Acreditam que, por já estarem casados, não há mais a necessidade da conquista.

Que cuidados pessoais o pastor precisa ter para se tornar atraente para sua esposa?

O que torna um homem mais atraente para sua esposa são a atenção, o companheirismo, a gentileza e o carinho que ele é capaz de dispensar a ela no dia a dia.

“É fundamental que o casal passe tempo junto e realize atividades que fortaleçam o vínculo emocional.”

Foto: Gentileza do entrevistado

Como o casal pastoral pode manter vivo o amor?

O amor é uma construção diária. Para que ele cresça, desenvolva-se e se mantenha vivo, é necessário que exista uma conexão entre o casal. As conexões física, financeira e espiritual são importantes, mas a conexão que mais promove a satisfação conjugal é a emocional. O amor se mantém vivo com o desenvolvimento da intimidade, que, por sua vez, só é possível por meio da conexão emocional. Portanto, é fundamental que o casal passe tempo junto e realize atividades que fortaleçam o vínculo emocional.

Quais são algumas necessidades ou dilemas que apenas as esposas de pastor enfrentam?

Muitas esposas relatam sofrer de solidão. O ministério pode ser bastante solitário, e elas afirmam não ter com quem compartilhar suas ansiedades, frustrações e dúvidas. Infelizmente, muitos membros de igreja deixam de oferecer apoio ao casal ministerial porque alimentam a ilusão de que a esposa e a família pastoral são fortalezas inabaláveis. Muitas também se sentem frustradas profissionalmente. As constantes mudanças podem trazer prejuízos para a formação acadêmica e até mesmo para o desenvolvimento profissional. Por fim, há esposas que reclamam das várias cobranças que sofrem. Às vezes, são cobranças feitas por parte dos membros da igreja; outras, pela instituição; e outras ainda, por parte do próprio esposo.

Como o pastor pode equilibrar a atenção dada à sua companheira e às suas ovelhas?

A melhor estratégia é o tempo. O tempo investido no relacionamento proporciona à relação um significado de valor e importância. Isso é poderoso. Não precisa necessariamente ser muito tempo ou o dia todo, mas precisa ser todos os dias e com exclusividade. Priorizamos aquilo que é importante.

“O tempo investido no relacionamento proporciona à relação um significado de valor e importância.”

Até que ponto a pornografia está prejudicando o casal pastoral? Que medidas podem ajudar a superar esse problema?

A pornografia é um vício que precisa ser compreendido e tratado como tal. Estudos realizados pelo Comitê de Ciência e Tecnologia do Senado Norte-americano mostraram que a pornografia na internet pode ser mais viciante do que o crack ou a cocaína. Para Mary Anne Layden, diretora do Programa de Psicopatologias e Traumas Sexuais da Universidade da Pensilvânia, a pornografia é atualmente o maior perigo para a saúde psicológica. O vício em pornografia desenvolve novos caminhos neurais, afasta os cônjuges, mina a confiança, drena a intimidade e cria um estímulo incapaz de ser reproduzido na vida sexual do casal.

Para vencer a pornografia, alguns passos são necessários. Vou enumerar rapidamente dez. 1) A pessoa que consome pornografia precisa encarar a realidade e conscientizar-se de que está alimentando um vício. 2) É fundamental identificar o motivo que levou a pessoa a praticar esse vício. Seja por curiosidade, ansiedade, um vazio emocional ou insatisfação no relacionamento, é necessário identificar os gatilhos desse comportamento. 3) Compartilhe essa questão com alguém de confiança. Assim, a pessoa terá apoio para enfrentar as dificuldades que surgirão. 4) Livre-se de tudo que proporciona recaídas. Se for um computador ou celular, encontre formas de bloquear o acesso a certos sites; se for literatura, desfaça-se dela. 5) Não fique ocioso. Ocupe sempre seu tempo com alguma atividade produtiva. 6) Evite ficar sozinho. Esteja sempre na companhia de alguém. 7) Procure estar em ambientes saudáveis, com interações positivas. Evite companhias e amigos que promovam conversas que possam reconduzir você ao vício. 8) Pratique regularmente disciplinas espirituais como oração, meditação, jejum, leitura da Palavra e serviço. 9) Não baixe jamais a guarda. Depois de um tempo sem o vício, não pense que a batalha está acabada. Basta um descuido para o vício voltar com toda a força. Por fim, 10) procure ajuda de um profissional cristão. Em alguns casos, talvez seja necessário até mesmo o uso de alguma medicação para superar o vício.

Há casais que passaram pelo trauma de uma traição, mas se mantiveram unidos. Como reconquistar o amor, a confiança e a fidelidade?

Se decidirem permanecer juntos após a traição, eles precisam aprender a olhar para frente e não mais para trás. Tudo o que levou à infidelidade precisa ser banido do relacionamento. Planos para o futuro precisam ser traçados, para que ambos possam ter algo para trabalharem juntos, o que fortalece a relação. Além disso, o relacionamento com Deus, o perdão, a paciência e a construção de novos planos ajudarão o casal a olhar para frente e recomeçar. ■

CAPA



Samuel Bastos
pastor em Aracaju, Sergipe



SOMOS UMA SEITA?

Uma análise das recentes críticas ao adventismo

Recentemente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia sofreu um forte ataque por parte de um pastor evangélico em uma rede social de grande alcance. Essa crítica provocou uma intensa repercussão nas mídias sociais, gerando polêmica e divergências de opinião, ao trazer à tona uma visão equivocada sobre o adventismo: a acusação de que “a Igreja Adventista é uma seita” e não uma igreja cristã. Mas, afinal, o que é uma seita e quais são as implicações desse conceito?

Etimologicamente, a palavra “seita” vem do grego *haeresis* que significa partido, facção, dogma, heresia. A Bíblia menciona as seguintes seitas ou partidos: fariseus, saduceus, nazarenos e cristãos (At 5:17; 15:5; 24:5; 26:5; 28:22)! Existem outras definições mais populares para o termo: “Refere-se a um grupo de pessoas que compartilha um conjunto de crenças religiosas ou filosóficas que diferem daquelas dos grupos hegemônicos. Na prática, seita é uma crença ou uma religião que ocupa posição subalterna numa sociedade. Por sua conotação pejorativa, o termo vem sendo cada vez menos empregado.”² “É um grupo religioso que nega um ou mais dos fundamentos da verdade bíblica. [...] [Esse grupo] afirma ser cristão, porém nega uma verdade essencial do cristianismo bíblico.”³

Diante dos conceitos apresentados, é pertinente confrontá-los com os princípios, as crenças e a organização adventista, e ponderar: Existe coerência entre os significados do termo e o que a igreja realmente crê e representa? A resposta será aqui traçada visando a alguns

Foto: Adobe Stock e gentileza do autor

aspectos relevantes: 1) compreender quando e como essa acusação foi associada ao adventismo ao longo da história; 2) identificar as inconsistências que tornam essa designação uma correlação incoerente e falsa; e 3) destacar os traços característicos institucionais, teológicos e espirituais da Igreja Adventista que refutam a acusação em destaque.

Aspectos históricos

As acusações contra os adventistas do sétimo dia não são novidade; ao contrário, são recorrentes. Na década de 50, foi lançada uma série de livros sobre diversas seitas, entre os quais havia um volume intitulado *Verdade Sobre os Adventistas do Sétimo Dia*.⁴ O contexto em torno da produção desse livro traz uma história que merece ser lembrada aqui.

O pastor adventista T. E. Unruh, presidente da Associação Leste da Pensilvânia, tomou conhecimento de uma série de sermões sobre o tema da justificação pela fé, pregados pelo pastor presbiteriano Donald G. Barnhouse, editor da revista evangélica *Eternity*, os quais foram muito elogiados. Unruh manifestou seu apreço em uma carta a Barnhouse. No entanto, Barnhouse ficou surpreso e questionou essa apreciação dos adventistas, pois os considerava legalistas.⁵ O pastor Unruh, então, enviou o livro *Caminho a Cristo*, de Ellen White, a Barnhouse. Contudo, em 1954, Barnhouse publicou uma crítica mordaz sobre o livro presenteado. Diante da atitude grosseira do pastor presbiteriano, Unruh manifestou sua insatisfação e afirmou não haver mais razão para manterem contato.⁶

Em 1954, Barnhouse comissionou o jovem erudito evangélico Walter Martin para escrever um livro sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Na época, Martin era editor conselheiro da revista *Eternity* e já havia publicado em 1953 a obra *Jehovah of the Watchtower* (Torre de Vigia de Jeová), seguido pelo livro *O Império das Seitas*. Seu interesse em conhecer a verdade sobre os adventistas o levou a iniciar contatos com pastores adventistas e, posteriormente, a realizar mais de 15 encontros com líderes da Associação Geral, os quais foram questionados com cerca de 40 perguntas sobre suas doutrinas.⁷ Os principais protagonistas adventistas desses encontros foram os pastores Roy Allan Anderson, Walter Edwin Read e LeRoy Edwin Froom. Do lado evangélico, foram o pastor Barnhouse e o editor Walter Martin.

Naquela ocasião, as perguntas feitas pelos evangélicos dividiram-se em várias áreas, mas os principais pontos doutrinários argumentativos para acusarem os adventistas como seita foram:

1. A expiação de Cristo não foi completada na cruz;
2. A salvação é o resultado da junção da graça com as obras da lei;
3. O Senhor Jesus é um ser criado, não existente por toda a eternidade;
4. Na encarnação, Cristo participou da natureza humana caída e pecaminosa.⁸

O resultado daqueles encontros foi a produção do livro *Questões Sobre Doutrina*, em 1957, que se tornou o clássico mais polêmico dentro e fora do adventismo.⁹ Além disso, aqueles encontros geraram quatro tipos de reações: 1) evangélicos favoráveis ao adventismo; 2) evangélicos não favoráveis; 3) adventistas favoráveis ao livro *Questões Sobre Doutrina*; e 4) adventistas não favoráveis ao livro.¹⁰ Entre os evangélicos favoráveis ao adventismo estavam Donald G. Barnhouse e seu grupo, que em 1956 publicaram na revista *Eternity* o seguinte

parecer no artigo “Are the Seventh-Day Adventists Christians?”: “Gostaria de dizer que nos deleitamos em fazer justiça a um grupo muito caluniado de crentes sinceros, e em nossa mente e coração tirá-los do grupo dos que são completamente heréticos [...] reconhecendo-os como irmãos redimidos e membros do corpo de Cristo.”¹¹

Críticas atuais

Assim como nos dias contemporâneos ao lançamento do livro *Questões Sobre Doutrina* houve muitas reações desfavoráveis a essa obra e ao adventismo, na atualidade, as críticas contra a Igreja Adventista do Sétimo Dia continuam. Pregadores como Nataniel Rinaldi, André Valadão, Rodrigo Mocellin, Augustus Nicodemos e outros, representam alguns dos que atacam a denominação religiosa com a afirmação de que ela é uma seita. Os argumentos atuais se concentram em torno dos seguintes temas:

1. A cruz não foi suficiente;
2. Fazer de Satanás um co-salvador;
3. O dom profético de Ellen White;
4. Somente os adventistas serão salvos;
5. O sono da alma.

É preciso considerar que a maioria desses argumentos de acusação é defendida por pessoas que conhecem pouco ou nada sobre as crenças, os princípios e a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, reproduzindo, sem o menor senso de honestidade acadêmica e hermenêutica, essas críticas, para as quais, várias respostas já foram dadas.¹²

É relevante pontuar, no entanto, que ser chamado de seita não diminui a estima nem abala a identidade adventista, visto que até a igreja cristã foi chamada de seita pelos críticos de sua época inicial.

A seita cristã

Observe este texto escrito pelo apóstolo Paulo: “Porém confesso ao senhor que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que concordam com a lei e os escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. Por isso, também me esforço por ter sempre uma consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:14-16).

Paulo estava preso em Cesareia, falsamente acusado pelos judeus de ser um dissidente e inimigo da nação. Quando interrogado pelo governador Félix, o apóstolo deixou claro que servia a Deus no caminho que os outros chamavam de seita. No entanto, parece que a preocupação de Paulo não era a popularidade de sua fé, conforme a aceitação social da época, mas sim que esta estivesse alinhada com os padrões da revelação bíblica na Lei e nos Profetas, que eram partes do cânon hebraico.

A autenticidade de um movimento religioso deve ser definida pelo padrão da Palavra revelada, não pelos conceitos denominacionais que muitas vezes carecem de total aprovação das Escrituras. Os críticos dos adventistas precisam compreender que a identidade denominacional desse movimento não depende do aplauso, tampouco da aquiescência de qualquer agremiação religiosa, pois essa atitude corre o risco de invalidar o princípio bíblico, substituindo-o pela aprovação e aplauso humanos.

A conduta de Paulo parece ser prescritiva quanto ao compromisso que devemos ter com a revelação e não com a aceitação de grupos religiosos populares ou majoritários. Quem estabeleceu o critério de que a maioria está sempre certa? Se esse fosse o caso, Jesus teria sido considerado um tremendo herege, pois frequentemente contradizia os círculos eclesiais ao Seu redor.¹³

Os adventistas e a verdade bíblica

A maioria das pessoas que critica a Igreja Adventista do Sétimo Dia não conhece sua história e suas crenças. A IASD tem profundo compromisso com a verdade bíblica e sua ênfase é restauracionista.¹⁴ Com mais de 20 milhões de membros em todo o mundo, possui um robusto programa educacional, de publicações e de saúde. Sua contribuição social é destacada pela Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (Adra) e, em nível local, pela Assistência Solidária Adventista (ASA). Além disso, a igreja mantém um programa evangelístico forte, pois acredita no princípio da verdade presente, entendendo sua missão como a pregação do evangelho eterno no contexto da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.¹⁵

Além disso, o adventismo é norteado pelo seguinte princípio bíblico: “Mesmo que venham a sofrer por causa da justiça, vocês são bem-aventurados. Não tenham medo das ameaças, nem fiquem angustiados; pelo contrário, santifiquem a Cristo, como Senhor, no seu coração, estando sempre preparados

para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm” (1Pe 3:14, 15). O compromisso dos adventistas com a verdade é fundamentado em Cristo e Sua Palavra. Quando questionado sobre o que é a verdade, Jesus afirmou que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, acrescentando que quem é da verdade ouve Sua voz (Jo 18:37).

As Escrituras, que são a verdade (Jo 17:17), apresentam cinco pilares da verdade absoluta e única:

1. Deus Pai (Jo 17:3; Jr 10:10);
2. Jesus (Jo 14:6; 1Jo 5:20);
3. Espírito Santo (Jo 15:26; 1Jo 5:6);
4. Lei (Sl 119:142);
5. Igreja (1Tm 3:15).

Jesus testemunhou a verdade que ouviu do Pai (Jo 15:15), e o Espírito Santo, chamado de Espírito da verdade (16:13), testemunharia sobre o que ouviu do Pai e do Filho, conduzindo a igreja à verdade (15:26; 16:13-15). A igreja que Jesus fundou (Mt 16:18), que é “coluna e fundamento da verdade” (1Tm 3:15), deve testemunhar sobre o que ouviu dos ensinamentos de Jesus (Mt 28:18-20).

A definição específica de uma seita cristã é um grupo religioso que nega um ou mais dos fundamentos da verdade bíblica.

Coerência

Diante desse panorama da verdade, precisamos entender que a igreja de Deus precisa ser coerente na apresentação e na vivência da verdade, de acordo com os princípios da Bíblia, e não segundo conceitos filosóficos ou da tradição. Afinal, Jesus afirmou que o verdadeiro discipulado é caracterizado pela crença e permanência em Sua palavra, que conduz ao conhecimento da verdade e à liberdade (Jo 8:31, 32).

Por esse ângulo, surge a necessidade de fazer uma pergunta: Todo o corpo doutrinário evangélico tem sua fundamentação nas Escrituras? A resposta é não! Em realidade, existem tantas divergências nas declarações de fé das denominações cristãs evangélicas que chega a ser assustador!¹⁶ No entanto, nenhuma dessas denominações acusa a outra de ser uma seita, embora algumas de suas declarações de fé dependam mais de malabarismos hermenêuticos do que de coerência bíblica.

A seguir, estão alguns ensinamentos defendidos pela maioria dos cristãos, e é pertinente questionar: Possuem eles, de fato, fundamentação nas Escrituras Sagradas?

- O estado do homem na morte, como creem e pregam os evangélicos, é bíblico?
- O castigo eterno é bíblico? É coerente com o caráter justo e amável de Deus?
- O domingo como dia de guarda é bíblico?
- O arrebatamento secreto tem fundamentação bíblica?
- O dispensacionalismo pré-tribulacionista é bíblico? A popularidade desse conceito está longe de torná-lo aceitável pela ótica de uma interpretação coerente e, de fato, fundamentada no princípio *sola Scriptura*.

Avaliação e conclusão

Para concluir, é necessário retomar dois conceitos filosóficos e teológicos que definem um grupo religioso como uma seita, conforme citados no início deste artigo: “Refere-se a um grupo de pessoas que compartilham um conjunto

de crenças religiosas ou filosóficas que diferem daquelas dos grupos hegemônicos.” “A definição cristã específica de uma seita é um grupo religioso que nega um ou mais dos fundamentos da verdade bíblica.”

Pela lista de doutrinas apresentadas acima, é evidente que grande parte do que é chamado de evangelho em muitas denominações cristãs consiste em acréscimos aos ensinamentos de Jesus ou negações (ou exclusões) daquilo que Ele realmente ensinou. Um dos pilares da verdade é a Lei de Deus (Sl 119:142). No entanto, há um esforço para negar a essência dessa verdade. Muitos usam o argumento leviano de que os ensinamentos do Antigo Testamento não são mais necessários hoje em dia. Curiosamente, aqueles que negam a relevância do Antigo Testamento em questões doutrinárias frequentemente recorrem a estes mesmos textos para ensinar sobre o dízimo a suas congregações. Podemos chamar isso de “hermenêutica da conveniência”.

Seria prudente para aqueles que criticam os adventistas do sétimo dia, rotulando-os de seita, compreenderem que “bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova” (Rm 14:22). Se o princípio *sola Scriptura* é, de fato, o princípio norteador desses críticos, que eles o vivam e o ensinem sem serem seletivos ou mutilando a verdade, como fez Marcion nos primórdios da igreja cristã. Se alguém deseja conhecer o que os adventistas creem, que leia a literatura deles para entender que são capazes, pelas Escrituras, de explicar a razão de sua fé a quem quer que deseje conhecê-la.¹⁷ ■

Referências

- ¹ Don F. Neufeld *Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 1232.
- ² Edison Veiga, “Seita ou Religião: O que Escondem as Terminologias por Trás da fé”, *BBC News Brasil*, disponível em <link.cpb.com.br/67b6d9>, acesso em 4/3/2024.
- ³ “Qual é a Definição de Seita?”, *Got Questions*, disponível em <link.cpb.com.br/9cd9f9>, acesso em 4/3/2024.
- ⁴ Walter Martin e Donald G. Barnhouse, *The Truth About Seventh-Day Adventism* (Whitefish, MT: Literary Licensing, 2013).
- ⁵ George R. Knight, *Questões Sobre Doutrina: O Clássico Mais Polêmico da História do Adventismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 11.
- ⁶ Knight, *Questões Sobre Doutrina*, p. 11.
- ⁷ Edgardo D. Iuorno, *Perguntas Explosivas: Transfondo, Formulas Doctrinales y Consecuencias de la Publicacion del libro Questions on Doctrine* (Entre Rios: Descubra Ediciones, 2020).
- ⁸ Para uma exposição teológica, ver: Frank B. Holbrook, *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002); Knight, *Questões Sobre Doutrina*; Raoul Dederen (ed.), *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011) p. 195-211.
- ⁹ Knight, *Questões Sobre Doutrina*, p. 11.
- ¹⁰ Juhyeok Nam, “Reactions to the Seventh-Day Adventist Evangelical Conferences and Questions On Doctrine 1955-1971” (tese de doutorado, Universidade Andrews, 2005); Iuorno, *Perguntas Explosivas*.
- ¹¹ Donald G. Barnhouse, “Are the Seventh-Day Adventists Christians? Another Look At Seventh-Day Adventism”, *Eternity* (1956), p. 45.
- ¹² Ver Francis D. Nichol, *Repostas a Objeções: Uma Defesa Bíblica da Doutrina Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004).
- ¹³ Otto Borchert, *O Jesus Histórico* (São Paulo: Vida Nova, 1985), p. 20-70.
- ¹⁴ Alberto R. Timm, “História do Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas: Textos desenvolvidos para a disciplina de desenvolvimento das doutrinas adventistas no Seminário Latino-Americano de Teologia: Argentina, Brasil e Peru [material não publicado], 2009, p. 1-5.
- ¹⁵ Ver Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999).
- ¹⁶ John H. Leith, *Creeds Of The Churches: A Reader in Christian Doctrine from the Bible to the Present* (Louisville, KY: John Knox Press, 1982).
- ¹⁷ Ver Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Nisto Creemos: As 28 Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018); Raoul Dederen (ed.), *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011).

PROFECIA



Marcos De Benedicto
editor emérito da CPB



O ENIGMA DOS 144 MIL

A identidade do grupo
dos selados no fim dos
tempos

O enredo do Apocalipse se desenrola em um cenário de imagens vívidas, entrelaçadas numa sinfonia simbólica e teológica. Cada cena é um quadro eloquente, carregado de dramaticidade, mergulhando o ouvinte/leitor em um turbilhão de sensações.

Ao acompanhar esse épico celestial, a transição do sexto para o sétimo selo emerge como um momento de suspensão, uma pausa intrigante no fluxo narrativo. As palavras deixam no ar uma interrogação penetrante: “Porque chegou o grande Dia da ira deles, e quem poderá subsistir?” (Ap 6:17).

A resposta esperada é “ninguém”. Mas há uma surpresa. Antes de o Cordeiro quebrar o sétimo selo, aparece um interlúdio literário descrevendo duas categorias: um grupo de “elite” caracterizado como 144 mil selados (Ap 7:1-8) e uma multidão inumerável (v. 9-17).

Quem são esses heróis? O número 144 mil é literal ou simbólico? Os 144 mil e a grande multidão seriam as mesmas pessoas? Por que os 144 mil recebem um selo?

Símbolo e realidade

Logo no início do capítulo 7, há uma cena de anjos, que em geral estão associados a contextos de transmissão de mensagens, proteção e julgamento. Nesse caso, quatro anjos restringem os quatro ventos da Terra, símbolos da totalidade geográfica, evitando a destruição e o caos.

Então um anjo vindo do Leste, o principal ponto de origem das manifestações divinas, com o selo do Deus vivo, pede que os quatro anjos

esperem até que os servos de Deus sejam selados (v. 1-3). O selamento estabelece um antes e um depois na linha do tempo da escatologia, fator indicado pela palavra “até” (v. 3).¹

A seguir, João ouve o “número” dos que foram marcados com o selo: 144 mil. Aqui surge um debate sobre a identidade desse grupo. Os 144 mil seriam literais ou simbólicos? Existem três interpretações principais: (1) eles são judeus étnicos ou um remanescente das doze tribos de Israel; (2) são mártires ou sobreviventes da tribulação final, um subgrupo da grande multidão e distinto do corpo de salvos ao longo da história; ou (3) são um grupo sinônimo da grande multidão, sob diferentes circunstâncias e visto por outra perspectiva.²

Os grandes defensores da posição 1 são os dispensacionalistas, que superliteralizam as profecias do Antigo Testamento e fazem uma dicotomia entre Israel e a igreja. Para Robert Thomas, que adota esse ponto de vista, a menção a Israel não contraria o espírito inclusivo do Apocalipse: “O problema com a judeidade dessa seção é apenas aparente e se baseia em um mal-entendido sobre a identidade dos 144 mil.

Foto: Adobe Stock e William de Moraes



Se o Israel nacional, em vez da igreja, estiver em vista, a dificuldade desaparece.”³

Entretanto, além do problema com a interpretação dispensacionalista (e antibíblica) da tribulação, Deus não tem dois povos, mas somente um. No Novo Testamento, o Israel étnico é transfigurado no novo Israel espiritual. No Apocalipse, o povo de Deus vem de todas as nações. Não por acaso, a frase “cada tribo, língua, povo e nação”, com variações, ocorre sete vezes no livro (Ap 5:9; 7:9; 10:11; 11:9; 13:7; 14:6; 17:15). O que Cristo uniu, os teólogos não devem separar!

No início do adventismo, algumas vezes também tendiam para o literalismo. Uriah Smith, influente intérprete de temas apocalípticos e escatológicos, argumentou que os 144 mil são (1) formados pela última geração de cristãos vivos no momento da volta de Jesus, incluindo os que morreram na mensagem do terceiro anjo e que serão ressuscitados um pouco antes desse evento; (2) são provenientes das doze tribos de Israel (espiritual), cujo registro Deus tem; e (3) a cifra 144 mil deve significar “um número definido”.⁴

Ao relatar sua primeira visão, ocorrida em dezembro de 1844, na qual contemplou a jornada do povo do advento rumo à cidade santa, Ellen White mencionou “os santos vivos, em número de 144 mil”,⁵ que alguns interpretam como um número literal. No contexto da terceira mensagem anjo, segundo ela, um anjo relata que “os santos estavam numerados e selados”.⁶ Porém, o tema é mais complexo nos escritos da autora inspirada.

A primeira interpretação, em favor dos judeus étnicos, é a mais frágil, pois o número claramente tem caráter simbólico. João não estava preocupado com matemática ou estatística. Para começar, os nomes não correspondem 100% a nenhuma lista das tribos no Antigo Testamento (Ap 7:4-8; cf. Gn 49:3-28, 31; Êx 1:1-4; Nm 1:5-15; Ez 48:1-29). Para fazer justiça, é bom lembrar que as muitas listas da Bíblia

hebraica, sejam por ordem de nascimento, bênção, censo ou acampamento, entre outros critérios, também não são uniformes.

O nome inicial na lista é o de Judá, talvez por ser a tribo do Messias (Ap 5:5). Dã está ausente, provavelmente devido a seu caráter traiçoeiro de “serpente” (Gn 49:17) e a seu profundo envolvimento com a idolatria (Jz 18:29-31). Na antiga tradição judaico-cristã, era corrente a ideia de que o anticristo viria da tribo de Dã.⁷ Já a tribo de José é representada por ele mesmo e por seu filho Manassés, enquanto Efraim (também idólatra) não entra na lista. Essas “irregularidades” enfraquecem a interpretação literal. Os critérios do autor parecem ser mais teológicos do que genealógicos ou geográficos.

Se os “israelitas” forem considerados literalmente aqui, então outros detalhes de Apocalipse 7:5 a 8 e 14:1 a 5 também deveriam ser, o que torna a interpretação contraditória e inviável. “Além de os judeus terem perdido, há muito tempo, as distinções tribais, seria forçar demais a credulidade das pessoas imaginar a possibilidade extremamente remota da existência de um número idêntico de remidos de cada tribo, mas nenhum de Dã, junto com a exigência de todos serem adeptos do celibato.”⁸

O fato é que 12 (total de tribos) vezes 12 mil (número dos marcados de cada tribo) equivale ao número simbólico de 144 mil. Outra forma de calcular o número é multiplicar 12 (o número de tribos) vezes 12 (o número de apóstolos) vezes mil. O resultado é um símbolo de diversidade, completude, totalidade e perfeição do Israel espiritual. O número também dialoga com os algarismos referentes à Nova Jerusalém (Ap 21:10-21; 22:2), em que João usa várias vezes 12 e múltiplos de 12, como 12 patriarcas e 12 apóstolos, representando a totalidade do povo de Deus.⁹

Além disso, a linguagem de Apocalipse 7:1 a 8 e 14:1 a 5 é simbólica em todos os contextos: quatro ventos, mar, Terra, selo, contaminação com mulheres, virgens, Cordeiro, e assim por diante. Por que os 144 mil não seriam simbólicos? E, como observa Tremper Longman, se o número se refere a israelitas ou judeus cristãos, por que não há referência à proteção (selamento) dos gentios cristãos?¹⁰

Assim, ficamos com a segunda e a terceira opções, que são mais sólidas. O grupo pode incluir mártires da última geração, que serão ressuscitados, mas não é composto somente de mártires. A própria referência aos que vieram da grande tribulação e sentiram fome, sede e calor intenso (Ap 7:14-17) sugere que atravessaram as adversidades finais e, portanto, estarão vivos.

Parece claro que os 144 mil são um número simbólico que descreve os seguidores fiéis do Cordeiro durante o período da “grande tribulação” (*thlipseōs tēs megalēs*; Ap 7:14), que, naturalmente, é a mesma mencionada por Daniel e Jesus (Dn 12:1; Mt 24:21). No Apocalipse, um número pode ser totalmente simbólico ou literal, ou ainda literal e simbólico, como no caso das sete igrejas. Porém, torna-se mais complexo determinar se os 144 mil e a grande multidão correspondem à mesma entidade.

Dois grupos

Alguns eruditos distinguem a grande multidão dos 144 mil, ao passo que outros os identificam. Estudiosos adventistas recentes tendem a considerar ambos o mesmo grupo, um entendimento que, por sinal, não é só de autores

adventistas. Beatrice Neall defendeu a equivalência dos dois grupos: “Embora os adventistas tenham geralmente separado os 144 mil da grande multidão vista diante do trono na cena final do interlúdio, a evidência favorece a crença de que eles são o mesmo grupo.”¹¹ O teólogo Ekkehardt Mueller comenta: “Os 144 mil e a grande multidão são o mesmo grupo retratado de diferentes perspectivas. A primeira designação é uma expressão simbólica, enquanto a última descreve a realidade.”¹²

Um argumento favorável à identificação entre os dois grupos é o fato de que ambos ficam “em pé” diante dos cataclismos finais. Os 144 mil são o grupo que “pode subsistir [*stathēnai*]” (Ap 6:17) e a grande multidão está “em pé” (*hestōtes*) perante o trono (Ap 7:9). No entanto, a posição “em pé” não é determinante, pois também é aplicada aos “quatro anjos em pé [*hestōtas*] nos quatro cantos da Terra” (v. 1) e a todos os anjos “em pé [*heistēkeisan*] rodeando o trono” (v. 11). O verbo *histemi* (“ficar em pé”), que aparece 21 vezes em Apocalipse, é usado “cinco vezes para se referir a anjos no Céu” e “quatro vezes a figuras ímpias”.¹³

Outro argumento é o padrão visionário de *ouvir* e então *ver*. “Assim como em Apocalipse 5:5 e 6, em que João *ouve* sobre um leão e *vira-se* e vê um Cordeiro, agora ele *ouve* sobre os 144 mil (7:4) e mais tarde vê uma grande multidão”, escreveu J. Scott Duvall.¹⁴ Nesse caso, a segunda cena explica, amplia e reforça a outra. Ranko Stefanovic também defende essa posição e acrescenta outros exemplos dessa técnica literária de *ouvir* e então *ver* algo diferente que simboliza a mesma coisa (Ap 1:10, 12, 13; 5:5, 6; 17:1-5; 21:9-12). Vale mencionar que o verbo “ouvir”, na verdade, não aparece em Apocalipse 5:5 e 6.

Ainda outro aspecto que parece favorecer a identificação dos 144 mil com a grande multidão é o fato de que a tribulação teoricamente está associada aos dois grupos, com a diferença de que os 144 mil a está enfrentando, enquanto a multidão inumerável já passou por ela.

Os argumentos em favor da distinção entre os dois grupos também são vários. Para começar, conforme argumentou Uriah Smith, o diálogo entre João e um dos anciãos em Apocalipse 7:13 e 14 pressupõe que João não conhecia a identidade dos 144 mil, enquanto o texto indica que ele já conhecia a identidade da grande multidão; portanto, a inferência é que os grupos são diferentes.¹⁵ Esse argumento não é muito convincente, pois o objetivo da pergunta é mais retórico do que informativo, mas tem sua lógica.

Outro argumento aponta que os marcadores no início das duas descrições de Apocalipse 7 (v. 1-8; 9-17) indicam visões diferentes: “Depois disso, vi” (*meta touto eidon*; v. 1) e “Depois destas coisas, vi” (*meta tauta eidon*; v. 9). E, no relato das visões, há detalhes sugerindo diferenças: os 144 mil são um número (*arithmon*) definido, a grande multidão é inumerável (*arithmēsai*); os 144 mil pertencem às doze tribos de Israel, a grande multidão vem de todas as tribos e nações; um grupo enfrenta a tribulação, o outro grupo já está celebrando a vitória.

Vale ainda reforçar que Apocalipse 7 apresenta uma cena na Terra e outra no Céu. Os versos 1 a 8 descrevem o que se passa aqui. Isso é indicado pelas diversas expressões que se referem ao planeta, como

“quatro cantos da terra”, “quatro ventos da terra”, “não danifiquem nem a terra, nem o mar, nem as árvores”.

Os versos 9 a 17 descrevem o que acontece no Céu. Isso é sinalizado pelas sete referências ao trono de Deus (v. 9, 10, 11 [2x], 15 [2x], 17). Além disso, enquanto no cenário terreno há quatro anjos em ação (v. 1), no espaço celestial “todos os anjos” estão em pé rodeando o trono (v. 11).

O propósito das duas cenas é mostrar a vitória dos 144 mil durante a tribulação sem precedentes na história. Se as cenas mudam de ambiente no mesmo capítulo, isso aumenta a possibilidade de que os grupos sejam diferentes. Assim, enquanto os 144 mil representariam os fiéis na crise final, a grande multidão simbolizaria os salvos de todas as eras.

Além disso, a referência à grande multidão em Apocalipse 7:9 a 12 parece ser um recurso para contextualizar a cerimônia que celebra a vitória de Deus e dos 144 mil. Um grupo (os 144 mil) é destacado, ao passo que o outro (a grande multidão) faz parte da celebração. O diálogo do ancião com João e a descrição adicional dos 144 mil (7:13-17) reforçam o destaque a esse grupo especial.

Por sinal, ao descrever a cena de exaltação/triunfo de Cristo após o milênio, Ellen White localiza alguns heróis mais perto do trono, incluindo mártires e aparentemente os vitoriosos que enfrentaram os conflitos do fim dos tempos, ao passo que coloca a grande multidão “além” do círculo interno, aplicando a descrição de Apocalipse 7:9 a essa multidão.¹⁶ Logo, pode-se argumentar que ela distingue os grupos.

Note também que somente os 144 mil podiam “aprender o cântico” (Ap 14:3). Esse detalhe indica uma experiência singular e sugere a possibilidade de uma identidade diferente. O caráter e o meio de salvação dos 144 mil e da grande multidão são os mesmos, mas não necessariamente a experiência de cada grupo.

Enfim, há espaço para defender tanto a identificação quanto a não identificação dos dois grupos como um só. Em certos casos, o texto apresenta ambiguidade, e temos que continuar investigando com diligência, inteligência e oração.

Marcas da vitória

Uma característica notável dos 144 mil é o fato de serem selados. Para Beatrice Neall, os sete “selos históricos” (Ap 4:1–8:1) têm uma contrapartida de sete “selos escatológicos” (Ap 19:1–21:8), pontuados pela fórmula “e eu vi” (*kai eidon*).¹⁷ E podemos dizer que, dentro da sequência de “selos históricos”, aparece o “selo salvífico”. Esse selo indica autenticidade, propriedade e proteção. É um símbolo da autoridade de Deus sobre os fiéis e da lealdade deles para com Deus. Os 144 mil não se curvarão ao sistema idólatra imposto pelo dragão e a besta.

Nas palavras de Ellen White, o selo é o “passaporte” para a cidade santa. Quando ele for aplicado, a pessoa se tornará inviolável, sendo destinada à eternidade. No conflito final, a semelhança com o caráter de Cristo e a observância da lei, em especial do sábado, são requisitos básicos para receber o selo divino.¹⁸

O selo com o nome do Cordeiro e do Pai na frente de Seus servos (Ap 7:3; 9:4; 14:1; 22:4), em contraste com a “marca” (*charagma*) na mão ou na testa dos seguidores da besta (Ap 13:16; 14:9; 20:4), significa identificação total com o lado vencedor na guerra cósmica. Os 144 mil têm o caráter, o nome e a proteção de Deus. No contexto literário da antiguidade, o “selo” (*sphragis*) era um dispositivo usado como uma espécie de assinatura para proteger um poema ou coleção de poemas contra plágio. Mas havia muitos outros usos para o selo. Em Apocalipse 7:2, o selo indica uma marca para atestar autenticidade e sinalizar inviolabilidade.

O selo do Deus vivo é espiritual, mas pode ter um caráter literal, embora invisível. Ellen White esclarece que o selo é “um sinal que os anjos,

mas não os olhos humanos, podem ler; pois o anjo destruidor precisa ver esse sinal de redenção”.¹⁹

A pureza associada ao grupo pode ser uma referência ao preparo para a guerra santa ou ao caráter dos participantes da noiva do Cordeiro. Pelo contexto de conflito nos capítulos 13 e 14, é provável que a imagem venha da tradição da guerra santa, até porque a linguagem de Apocalipse 7:4 a 8 lembra o censo militar das tribos de Israel.²⁰ Os soldados hebreus envolvidos em guerra santa deviam observar a pureza cerimonial e se abster de relações sexuais (Dt 23:9-11; 1Sm 21:5; 2Sm 11:8-11).

A descrição dos vitoriosos em Apocalipse 14:1 a 4 revela que eles são um grupo espetacular, mas não por causa de suas próprias forças. Numa fase em que não podiam comprar nem vender, eles foram “comprados” por Cristo. São as primícias dos salvos. Servem a Deus. Não têm máculas. Não se relacionaram com mulheres, símbolos das igrejas do sistema satânico, e são espiritualmente virgens. Em sua boca não há mentira, engano, falsidade ou fraude (*pseudos*), que são as marcas de Satanás. Por seguir o Cordeiro na Terra no tempo de angústia, eles continuarão seguindo seu Salvador no tempo de felicidade.

A vitória dos 144 mil é marcada por música e adoração. Em Apocalipse 14:1, vemos o Cordeiro em pé sobre o monte Sião com esse grupo, numa celebração junto ao mar de vidro (cf. Ap 15:2, 3). Em Apocalipse 14:2, João descreve uma voz “como som de muitas águas, como som de um forte trovão”, e a compara ao som “de harpistas quando tocam as suas harpas”, frase cheia de aliterações que diz, literalmente, “harpistas harpando suas harpas” (*kitharōdōn kitharizontōn en tais kitharais*). No fim, haverá lamento (para um grupo) ou celebração (para outro).

A identificação correta dos 144 mil é importante. Porém, ainda mais importante é se qualificar para estar entre esse grupo e participar da celebração dos vitoriosos. ■

Referências

- 1 Loron Wade, “Thoughts on the 144,000”, *Journal of the Adventist Theological Society* 8 (1997), p. 93.
- 2 Cf. Felise Tavo, *Woman, Mother and Bride: An Exegetical Investigation into the “Ecclesial” Notions of the Apocalypse* (Leuven: Peeters, 2007), p. 140-160.
- 3 Robert L. Thomas, *Revelation 1–7: An Exegetical Commentary* (Chicago: Moody Press, 1992), p. 466.
- 4 Uriah Smith, “A Study of the 144,000”, *The Review and Herald*, 10 de agosto de 1897; Uriah Smith, *Daniel and the Revelation* (Battle Creek, MI: Review and Herald, 1897), p. 437-451.
- 5 Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 33.
- 6 White, *Primeiros Escritos*, p. 356.
- 7 Cf. Talmude, *Sinédrio 96a*, e *Targum de Jerusalém I sobre Êxodo 17:8; Testamento dos Doze Patriarcas*, Dã 5:5-6; Irineu, *Contra as Heresias* 5.30.2; Hipólito, *De Anticristo*, 14-15.
- 8 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 7, p. 867.
- 9 Cf. Ranko Stefanovic, *Revelação de Jesus Cristo: Comentário Sobre o Livro do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 263.
- 10 Tremper Longman III, *Revelation Through Old Testament Eyes: A Background and Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Kregel Academic, 2022), p. 116.
- 11 Beatrice S. Neall, “Os Santos Selados e a Grande Tribulação”, em *Estudos Sobre o Apocalipse: Temas Introdutórios*, ed. Frank B. Holbrook (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2021), p. 290.
- 12 Ekkehardt Mueller, “The 144,000 and the Great Multitude”, p. 2, disponível em <link.cpb.com.br/011333>, acesso em 7/3/2024.
- 13 G. K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 405.
- 14 J. Scott Duvall, *Revelation* (Grand Rapids, MI: BakerBooks, 2017), p. 126.
- 15 Smith, *Daniel and the Revelation*, p. 459.
- 16 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 550.
- 17 Neall, “Os Santos Selados e a Grande Tribulação”, p. 294.
- 18 Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista*, v. 7, p. 1083.
- 19 Ellen G. White, *Maranata: O Senhor Logo Vem!* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 242.
- 20 Cf. Richard Bauckham, *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation* (Nova York: T & T Clark, 1993), p. 217-229.

DOM DE PROFECIA



Alberto R. Timm
diretor associado do Instituto de
Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista



ESSENCIALMENTE SOBRE CRISTO!

A palavra
profética através
dos tempos

// **E**ntão eles, levantando os olhos, não viram mais ninguém, a não ser Jesus” (Mt 17:8). Essa mensagem simples sobre o evangelho ainda é predominante e relevante nos dias de hoje? Vivemos em tempos de instabilidade, quando quase tudo é avaliado de forma crítica e redefinido subjetivamente, tanto do ponto de vista pessoal quanto cultural.

Nesse contexto, muitos veem as mensagens proféticas de Deus como obsoletas, precisando ser atualizadas para se tornarem mais relevantes para nossa geração. É inegável que, se quisermos comunicar essas mensagens de forma mais eficaz, devemos falar a linguagem do nosso tempo. Mas será que são as próprias mensagens que precisam de atualização?

Ao lidar com um assunto tão controverso sob a perspectiva bíblica, temos que reconhecer duas realidades básicas. Uma delas diz respeito aos contextos socioculturais nos quais as mensagens foram entregues ao longo do tempo e que podem variar significativamente entre si, exigindo, assim, novas abordagens (1Co 9:19-23). A outra realidade é a natureza humana pecaminosa – em constante necessidade da graça transformadora e santificadora de Cristo – que permaneceu a mesma

através dos tempos (Rm 3:23). Na verdade, existe uma tensão contínua entre as diversas exposições das mensagens proféticas e seu conteúdo imutável.

Nos tempos do Antigo Testamento

Em seu perspicaz artigo “The Old Testament Prophets as Social Reformers” [Os Profetas do Antigo Testamento como Reformadores Sociais], George Stibitz explicou que “todos os profetas, designados ou não designados, que apareceram no curso da história de Israel, foram, de certa maneira, embaixadores enviados por Deus aos reis e cidadãos de Israel” e dirigiam-se “ao homem, mas como

Foto: Adobe Stock e Gentileza do autor

cidadão, não como indivíduo”.¹ No entanto, eles “estavam menos preocupados com uma reforma na conduta do ser humano para com o seu próximo do que com a renovação do coração ao impelir o povo e seus governantes a se voltarem para Deus, a fonte da vida espiritual e o fruto da pureza e da justiça social”.² O mesmo ocorreu em todos os diferentes contextos socioculturais em que os profetas transmitiram suas mensagens inspiradas por Deus.

A civilização antediluviana havia se degradado em uma apostasia sem precedentes (Gn 6:5; Mt 24:38), por isso, Deus chamou Noé para ser Seu “pregador da justiça” àquela geração (2Pe 2:5). A advertência de que haveria um dilúvio iminente foi limitada para aquele tempo (Gn 9:8-17), mas o chamado ao arrependimento dos pecados seria repetido por todos os profetas depois dele. Jesus não apenas considerou o dilúvio como um evento histórico, mas também predisse que, “assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem” (Mt 24:37-39).

A peregrinação dos israelitas no deserto durante 40 anos foi uma experiência única (At 13:18), mas as instruções de Moisés no Sinai tinham uma natureza duradoura (Êx 20:1-17; Dt 5:1-22). Na fronteira da Terra Prometida, Josué aconselhou os israelitas: “Lembrem-se do que Moisés, servo do SENHOR, ordenou a vocês” (Js 1:13). Portanto, não é de admirar que o rei Josias tenha fundamentado suas reformas religiosas no Livro da Lei (2Cr 34:14-33). O livro de Malaquias lembrou ao povo de Deus: “Lembrem-se da Lei de Moisés, Meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos” (Ml 4:4).

O confronto de Elias com os falsos profetas no monte Carmelo foi um evento singular (1Rs 18), mas a reprovção pelo abandono aos “mandamentos do SENHOR” e o apelo à restauração da verdadeira adoração (1Rs 18:18, 21, 22, 36-40) foram repetidos por João Batista e pelo movimento Adventista do Sétimo Dia (Ml 4:5, 6; Mt 17:9-13).³ Daniel também fez apelos semelhantes ao arrependimento e à reforma na cidade de Babilônia (Dn 4), assim como Jonas

em Nínive (Jn 3). Em cada caso, o discurso abordava as necessidades locais, mas a essência da mensagem permaneceu a mesma.

Como já mencionado, os profetas posteriores frequentemente se referiam aos escritos dos seus antecessores (como Moisés) como sendo a palavra permanente de Deus. Daniel, por exemplo, confiou na “palavra do SENHOR dada ao profeta Jeremias” (Dn 9:2; NVI). Isaías destacou a natureza permanente da palavra profética em sua declaração clássica: “A erva seca e as flores caem, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre” (Is 40:8).

Nos tempos do Novo Testamento

Jesus exerceu Seu ministério profético quando a Palestina estava sob domínio romano, o que gerou um novo cenário sociocultural e político. Mas, em vez de substituir os ensinamentos de Moisés, Ele disse aos judeus que O perseguiam: “Porque, se vocês, de fato, cressem em Moisés, também creriam em Mim; pois ele escreveu a Meu respeito. Se, porém, não creem nos escritos dele, como crerão nas Minhas palavras?” (Jo 5:46, 47). Mais tarde, no Sermão do Monte, Jesus declarou: “Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir” (Mt 5:17). Depois, Ele citou vários mandamentos, revelando as profundas implicações espirituais que continham (v. 17-48).

O apóstolo Paulo adotou uma posição parecida. Ele evocou alguns incidentes adversos dos israelitas no deserto na sua carta aos coríntios, alertando-os de que aquelas “coisas aconteceram com eles para servir de exemplo e foram escritas como advertência a nós, para quem o fim dos tempos tem chegado” (1Co 10:11). Além disso, ele enfatizou a natureza duradoura das profecias quando declarou aos gálatas: “Mas ainda que nós ou um anjo do céu pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!” (Gl 1:8; NVI). E o apóstolo afirmou ao procurador romano, Festo: “Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (At 25:8).

A maneira como os escritores do Novo Testamento usaram partes do Antigo Testamento confirma a natureza permanente da palavra profética.⁴ Os cumprimentos tipológicos substituíram a sombra pela realidade. Mas mesmo assim, “não existe o contraste que muitas vezes se afirma haver entre o Antigo e o Novo Testamento, entre a lei de Deus e o evangelho de Cristo, entre os requisitos da dispensação judaica e os da cristã. Toda alma salva da antiga dispensação era salva por Cristo tão verdadeiramente quanto somos salvos por Ele hoje em dia”.⁵ “O Antigo Testamento é o evangelho em figuras e símbolos. O Novo Testamento é a realidade. Um é essencial ao outro”.⁶

Reforma Protestante

A Reforma Protestante, no século 16, resgatou as Escrituras das tradições antibíblicas medievais. Em seu comentário acerca de Gênesis 37:9, Martinho Lutero declarou: “Concluí um pacto com meu Senhor Deus para que Ele não me enviasse visões, sonhos ou mesmo anjos. Pois estou contente com este dom que possuo, a Sagrada Escritura, que ensina e fornece abundantemente todas as coisas necessárias tanto para

esta vida quanto para a vida futura.”⁷ Na verdade, os princípios protestantes *sola Scriptura* e *tota Scriptura* reconhecem a natureza permanente das mensagens proféticas.

João Calvino afirmou que “Deus não manifestou a Palavra em meio aos homens por causa de súbita ostentação, para que a chegada do Espírito logo a abolisse, mas enviou o mesmo Espírito, por cuja virtude auxiliara a Palavra, para completar a Sua obra com confirmação eficaz da Palavra.”⁸ Refletindo sobre Efésios 4:11, Calvino distinguiu entre oficiais extraordinários/temporários (apóstolos, profetas e evangelistas) e cargos ordinários/permanentes (pastores e professores). No entanto, ele admitiu que o Senhor levantou os três primeiros oficiais “no início do Seu Reino [...] e, por vezes, ainda os suscita na medida em que a necessidade dos tempos o exige”. Na sua opinião, profetas “não mais existem ou não têm notoriedade”.⁹

Tempo do fim

O Novo Testamento ensina que a partida de Jesus trouxe o Espírito Santo ao mundo (Jo 16:17; Ef 4:8) e o Espírito Santo concedeu dons aos crentes, incluindo o dom de profecia (Rm 12:6; 1Co 12:28; Ef 4:11). Daniel (8:17; 11:35, 40 e 12:4, 9) referiu-se ao “tempo do fim” como uma ocasião em que “os tempos exigiam” uma assistência profética especial (conforme declarado por Calvino).¹⁰ O Apocalipse anuncia que, nos últimos dias, haverá uma manifestação do espírito de profecia, iluminando “as verdadeiras palavras de Deus” (Ap 19:10).

Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam que esse dom espiritual foi manifestado na vida e no ministério de Ellen G. White.¹¹ Ao iluminar “as verdadeiras palavras de Deus”, seu papel profético procurou “servir a três propósitos

básicos: (1) dirigir a atenção à Bíblia, (2) ajudar na compreensão da Bíblia e (3) ajudar a aplicar os princípios bíblicos em nossa vida”.¹²

Sua assistência profética foi fundamental não apenas no início do movimento Adventista do Sétimo Dia, mas continua desempenhando um papel crucial à medida que nos aproximamos do fim da história humana aqui na Terra. Na verdade, vivemos hoje em uma época em que “coisa alguma aparece em linhas claras e distintas”¹³ e muitos cristãos acreditam que “as reivindicações de Cristo são menos estritas do que uma vez creram, e que pela conformação com o mundo exercerão maior influência sobre os mundanos.”¹⁴ Nesse contexto, somos lembrados de que “a Palavra de Deus é a única coisa estável que nosso mundo conhece. É o firme fundamento. Disse Jesus: ‘Passará o céu e a Terra, porém as Minhas palavras não passarão’ (Mt 24:35).”¹⁵

Consistente com o dom de profecia, Ellen White abordou muitas situações únicas, mas seus ensinamentos são atemporais e permanecem relevantes para nós hoje. Ela tinha consciência disso quando escreveu em 1906: “Abundante luz tem sido comunicada a nosso povo nestes últimos dias. Seja ou não poupada a minha vida, meus escritos falarão sem cessar, e sua obra irá avante enquanto o tempo durar.”¹⁶

Deus ainda fala

Os escritos proféticos compreendem diálogos contínuos entre princípios universais e detalhes de tempo e lugar. Mas mesmo esses detalhes são apoiados por princípios universais que tornam esses escritos relevantes ao longo do tempo. Visto que todos nós somos pecadores (Rm 3:23) e a missão imutável de Cristo sempre foi salvar “Seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21), os apelos proféticos ao povo antigo ainda são pertinentes para nós hoje. De fato, a forma pode mudar com o tempo, mas a essência permanece a mesma. Afirmamos juntamente com Paulo: “Pois decidi que, enquanto estivesse com vocês, me esqueceria de tudo exceto de Jesus Cristo, Aquele que foi crucificado” (1Co 2:2; NVT). Os tempos difíceis em que estamos vivendo exigem novas abordagens para comunicar a mensagem do evangelho de forma mais eficiente, mas essas abordagens nunca devem minar nosso compromisso com a palavra profética em si, cuja mensagem é essencialmente sobre Cristo. ■

Referências

- 1 George Stibitz, “The Old Testament Prophets as Social Reformers”, *Biblical World* 12 (1898), p. 20, 22.
- 2 Stibitz, p. 22.
- 3 Hans K. LaRondelle, *Armagedom: O Verdadeiro Cenário da Guerra Final* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 149-158.
- 4 Ver G. K. Beale e D. A. Carson (org.), *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento* (São Paulo, Vida Nova, 2014).
- 5 Ellen G. White, “Comentários de Ellen G. White - Atos”, em *Comentário Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 6, p. 1179, 1180.
- 6 Ellen G. White, *Cristo Triunfante* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), p. 373.
- 7 Martinho Lutero, *Luther's Works* (Albany, OR: Books for the Ages AGES Software, 1997), v. 6, p. 329.
- 8 João Calvino, *A Instituição da Religião Cristã* (São Paulo: UNESP, 2008), v. 1, p. 89.
- 9 Calvino, *A Instituição da Religião Cristã*, v. 2, p. 504.
- 10 Ver Gerhard Pfandl, “The Time of the End in the Book of Daniel”, *Adventist Theological Society Dissertation Series* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1992), v. 1.
- 11 Denis Fortin, “Ellen G. White and the Gift of Prophecy: The Test of a Prophet” (notas de leituras, Andrews University, Berrien Springs, MI), disponível em <www.andrews.edu/~fortind/EGWTest.htm>, acesso em 26/2/2024.
- 12 T. HouseJemison, *A Prophet Among You* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1955), p. 371. Ver Merlin D. Burt, “A Orientação Fundamental do Ministério Profético de Ellen G. White”, em *Quando Deus Fala: O Dom de Profecia na Bíblia e na História*, eds. Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 315-336.
- 13 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 15.
- 14 Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 474.
- 15 Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 102.
- 16 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 55.





f @ X /cpbeditora
CPB.COM.BR



Baixe o
aplicativo CPB



WHATSAPP 
15 98100-5073



MKT CPB | Alexandre Rocha

EM QUALQUER LUGAR,
sua editora perto de você!

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular



Encontre a
CPB LIVRARIA
mais próxima.





OS PERIGOS DA SUBVERSÃO

A rebelião de Corá, Datã e Abirão

O plano da redenção é o tema central das Escrituras e está diretamente relacionado à história do povo hebreu. Sua peregrinação entre o Egito e Canaã recebe uma atenção especial na narrativa bíblica, inclusive em partes do Novo Testamento. O apóstolo Paulo, em uma de suas cartas, resgata essa memória e exorta a igreja a aprender com a experiência passada: “Estas coisas aconteceram com eles para servir de exemplo e foram escritas como advertência a nós, para quem o fim dos tempos tem chegado” (1Co 10:11).

Não somente as experiências do povo comum são preservadas, mas também alguns episódios ligados à liderança – suas falhas, crises e até mesmo escândalos parecem ganhar relevância. Por exemplo, Miriã, irmã de Moisés, foi acometida de lepra ao nutrir ciúmes e descontentamento contra o irmão (Nm 12). Nadabe e Abiú, filhos de Arão e sobrinhos de Moisés, foram queimados vivos diante de todo o acampamento por insistirem na desobediência, ao trazerem fogo estranho para o tabernáculo (Lv 10:1-7). Moisés e seu irmão foram impedidos de entrar na Terra Prometida devido a seu ato intempestivo, que furtou a glória de Deus diante do povo (Dt 32:48-52).

Neste artigo, consideraremos outro episódio envolvendo a liderança: o caso de Corá, um líder proeminente que foi engolido por uma cratera ao tentar subverter a liderança de Moisés, contando com o apoio de dois príncipes, Datã e Abirão. Esse capítulo da história de Israel ganha contornos dramáticos devido à influência dos envolvidos.

Os personagens

Corá pertencia à tribo de Levi, sendo trineto de Jacó e primo de Moisés. Seu descontentamento com a liderança de Moisés já existia há algum tempo e acabou se acentuando após o retorno dos 12 espias. Diante da falta de fé de dez deles, Deus ordenou que dessem meia-volta, adiando a entrada em Canaã por 40 anos (Nm 13, 14).

Desde a saída do Egito, as reclamações do povo eram frequentes, uma murmuração a cada prova. No entanto, a revolta de Corá não se limitava a um mero descontentamento, mas representava uma conspiração muito bem articulada para tomar a liderança das mãos de Moisés e Arão.

Sendo Corá bisneto de Levi, da linhagem de Coate, sua família era responsável por parte do serviço do tabernáculo. Seus filhos receberam a responsabilidade pelo ministério da música nos cultos do santuário (ver títulos de Sl 42, 44-49,

Fotos: Adobe Stock e Gentileza do autor

84, 85, 87, 88). Mas, isso lhe pareceu insuficiente. Ele queria exercer o sacerdócio, atribuição dada à família de Arão.

Durante algum tempo, Corá trabalhou nas sombras de forma velada, minando a autoridade de Moisés e Arão. Contudo, ao abrigar no coração o descontentamento, sem reprimir seus impulsos, o coração se encheu de ciúme, um ciúme que deu “origem à inveja, e a inveja, à rebelião”¹.

Nas proximidades, no lado sul do tabernáculo, situava-se o acampamento de Rúben, onde estavam as tendas de Datã e Abirão. Esses dois príncipes tornaram-se cúmplices de Corá em seu plano ambicioso. Sendo descendentes do primogênito de Jacó, almejavam o comando civil, considerando-o um direito inalienável do primogênito, enquanto Corá, sendo levita, aspirava assumir o controle civil e religioso da nação.

O clima favorecia os planos do trio. O povo estava amargurado e descontente com a notícia de que não entraria na Terra Prometida. Desde o derramamento das pragas no Egito, os israelitas perderam de vista quem era o verdadeiro Líder da nação. Mesmo diante das inúmeras manifestações da direção divina, o povo insistia em atribuir a Moisés a condução dos negócios. A nuvem, símbolo permanente da presença do Senhor, era ignorada com profunda irreverência.

Corá e seus aliados foram favorecidos com manifestações especiais do poder de Deus. Subiram com Moisés ao monte, serviram no centro do acampamento, lidaram com o cotidiano do tabernáculo e presenciaram a manifestação da glória divina a poucos metros de suas tendas. No entanto, foram rebeldes. Nem o caso de Miriã, acometida de lepra e separada do acampamento por sete dias, foi suficiente para despertar neles o temor. Que risco é envolver-se com as coisas de Deus de forma casual e rotineira!

Uma tentação leve, não reprimida, abrigada no coração, fortaleceu-se até que Satanás tomou o controle das mentes e vontades. Com esse espírito, perderam o temor, mesmo enquanto faziam as coisas de Deus. Isso nos ensina que um coração contrariado, cheio de desapontamento, pode ser um solo fértil às mais terríveis e perigosas sugestões do inimigo.

A revolta

O desafeto amadureceu em revolta. Corá e seus aliados alimentaram um espírito de crítica e uma visão muito inflacionada de si mesmos, achando-se superiores aos seus irmãos. No entanto, o que os tornou realmente perigosos foram seus argumentos. Ao semear a dúvida, usaram uma embalagem de benevolência, um verniz de virtude. Argumentaram em favor de um suposto bem comum, manifestando um grande interesse pela prosperidade do povo – algo semelhante à revolta de Lúcifer no Céu.

Inicialmente, as conversas eram restritas aos círculos mais íntimos, mas aos poucos, ampliaram o fórum aos dirigentes e príncipes da nação. Suas insinuações foram tão bem recebidas que se arriscaram cada vez mais, chegando a acreditar que estavam realizando a vontade de Deus. Projetaram sobre Moisés e Arão intenções de seu próprio coração corrupto. Acusaram-nos de pecados relacionados à exaltação própria, recusando-se a aceitar que a distinção conferida a Moisés e Arão era uma ordenança divina.

Nessas conversinhas ao pé do ouvido, Corá, Datã e Abirão aliciaram 250 príncipes, pessoas importantes da congregação. Com esse apoio influente, acharam-se donos da razão para efetuar uma reforma radical na maneira como as coisas eram administradas,

“
**Um coração
contrariado,
cheio de
desapontamento,
pode ser um
solo fértil às
mais terríveis
e perigosas
sugestões do
inimigo.**
”

“

O uso de argumentos espirituais “açucarados”, sem confissão e arrependimento, apenas promove o alívio de consciência e confirma o transgressor no caminho da impiedade.

”

civil e religiosamente. Comentando sobre esse assunto, Ellen White alerta: “Para aqueles que estão no erro e merecem reprovação, não há nada mais agradável do que receber manifestações de simpatia e elogios.”²

Corá e seus comparsas iludiram o povo com o engano de que Deus não estava irado com eles, sugerindo que essa era uma invenção de Moisés e Arão. Venderam a ideia de que os dois irmãos desejavam se impor sobre eles com a intenção de dominá-los, acusando-os de pecadores. Segundo os rebeldes, Moisés era o causador dos males, inclusive de sua exclusão de Canaã, e argumentavam que se Corá fosse o líder, animando e motivando o povo em vez de repreendê-lo, “teriam uma jornada muito mais pacífica e próspera”,³ sem voltinhas pelo deserto e sem lições de moral, indo direto para a Terra Prometida.

Corá obteve êxito em seu plano junto ao povo, a ponto de sua confiança lhe cegar a visão em relação aos resultados de sua rebelião. O povo parecia nunca ter estado tão unido

como durante essa revolta contra Moisés. Corá se apresentou como alguém em quem Deus tinha confiado as mudanças tão necessárias, uma espécie de libertador da opressão, um resgatador das liberdades.

Isso foi feito secretamente por um tempo. Contudo, assim que o movimento ganhou força, Corá desafiou Moisés de maneira pública e aberta, acusando-o de privar o povo de sua liberdade e independência. Não parece um eco do que ocorreu no Céu? Também não soa familiar a algumas tendências da atualidade?

O uso de argumentos espirituais “açucarados”, sem confissão e arrependimento, apenas promove o alívio de consciência e confirma o transgressor no caminho da impiedade. Essa também parece ser uma realidade atual. Nunca se ouviu tanto sobre o amor, e isso nunca foi tão falacioso. No entanto, de Deus não se zomba (Gl 6:7). A obra do Senhor é algo muito sério. Vale a pena lembrar que demonstrar compaixão ao pecador não pode ser confundido com passar a mão na cabeça do transgressor.

Ao ser confrontado, Moisés teve uma reação tocante: caiu de joelhos com a mão no rosto, em um apelo silencioso a Deus (Nm 16:4). É assim que um servo de Deus age em tempos de crise.

Deus Se manifesta

A prova foi transferida para o dia seguinte. Semelhantemente ao que ocorreu no Céu, quando Deus suportou longamente a Lúcifer, todo o arraial deveria ter um prazo para reflexão. Dentro do propósito perfeito de Deus, o mal precisa amadurecer antes de ser exterminado. Com isso, mais cedo ou mais tarde, o espírito por trás de todas as motivações acaba se revelando.

Os que pretendiam exercer o sacerdócio deveriam se apresentar, cada um com um incensário na mão, para oferecer incenso no tabernáculo, na presença de todo o Israel (v. 9-11). As especificações eram muito claras de que somente os que haviam sido ordenados para o ofício sagrado deveriam ministrar no santuário. O episódio com Nadabe e Abiú deveria ter servido de alerta sobre o risco da não observância aos reclamos divinos. Contudo, Moisés deu a eles a chance de levar a disputa à presença do Eterno.

Os líderes da oposição não mantiveram seu discurso vazio por muito tempo. Ao serem contrariados, acabaram revelando os verdadeiros motivos do seu coração impenitente. Ao serem chamados por Moisés para uma conversa, Datã e Abirã assumiram uma atitude ousada: ambos se recusaram a ir. “Não subiremos”, eles disseram (v. 12).

Na manhã seguinte, Corá e todo o seu grupo de apoio tomaram posição no pátio do tabernáculo enquanto o povo aguardava ansioso do lado de fora. Então o Eterno Se manifestou. Sua glória foi vista diante dos filhos de Israel. Nesse momento solene, Deus disse: “Afastem-se do meio desta congregação, e Eu os consumirei num momento” (v. 21). Novamente, a reação de Moisés e Arão foi comovente. Ambos se prostraram diante de Deus, apelando para que Ele poupasse Seu povo (v. 22).

Corá se retirou para ficar junto a Datã e Abirã, enquanto Moisés, acompanhado pelos 70 anciãos, lhes deu o último aviso. O povo foi alertado para se afastar das tendas dos rebeldes subversivos para que não

perecessem com eles (v. 26). Mesmo atordoados com o tom usado por Deus, o trio manteve sua postura obstinada, arrastando consigo suas famílias. Moisés antecipou que o fim deles se daria de forma incomum. Assim que ele terminou de falar, a terra engoliu vivos os líderes da rebelião e todos que estavam com eles. Assim como Lúcifer e seus cúmplices foram lançados no abismo, Corá e seus influenciados também foram precipitados para o ventre da terra.

A mão de Deus começou a pesar. O povo fugiu, mas os juízos não haviam terminado. Da nuvem, símbolo da presença de Deus, saiu fogo e consumiu os 250 príncipes que tinham oferecido incenso. O fogo da parte do Senhor serve para purificar e destruir. Os que resistem à correção e disciplina divinas sentirão o efeito destruidor do fogo, enquanto os que se submetem a Deus serão purificados.

Juízo divino

Episódios como esse servem para ensinar as pessoas quanto ao futuro terrível e inevitável do rebelde e presunçoso. A terra se abriu para engolir o chefe da rebelião. Em seguida, o fogo da presença de Deus consumiu o restante da quadrilha.

Podemos notar a distinção que Deus faz entre os líderes e o povo comum. Numa escalada, os juízos caíram em diferentes momentos e sob formas diferentes. Em cada intervalo, houve uma oportunidade de reflexão e arrependimento. Deus então lidou com os simpatizantes. Ficou evidente que estavam em erro. Não havia mais dúvida. No entanto, a rebeldia e subversão parecem desconhecer limites. Uma das coisas mais difíceis para um coração orgulhoso é reconhecer sua culpa e rever suas opiniões.

Quando o povo voltou para suas tendas com a intenção de fugir do castigo, ainda houve quem olhasse para Moisés como o causador de todos os males. O coração deles estava contaminado com as palavras doces de Corá e suas falsas esperanças. Ellen White comenta: "Dificilmente as pessoas poderão cometer maior insulto a Deus do que desprezar e rejeitar os instrumentos que Ele deseja usar para a salvação deles."⁴

O Senhor lhes deu a oportunidade de humilharem o coração em arrependimento, mas esse tempo adicional serviu apenas para desprezar a graça que ainda lhes havia sido estendida. Essa gente obstinada pensou seriamente em matar Moisés e Arão.

Quando os homens rejeitam os instrumentos pelos quais Deus busca salvá-los, não lhes resta mais esperança alguma. Acredite se puder, mas não faltou gente para dizer que Corá era uma vítima da severidade e do autoritarismo de Moisés. Parece haver um padrão nas rebeliões, semelhante ao que ocorreu no Céu: o levante começa por conta de expectativas não atendidas, gerando ciúmes e autopiedade. Ressentidos e magoados, os subversivos buscam aliados com a desculpa do bem comum. Forma-se uma trama secreta na qual os sentimentos de insubordinação amadurecem, seguido de revolta aberta. Quando sua afronta passa a ser pública e eles são resistidos, adotam uma postura de vítimas e se dizem perseguidos.

Deus tratou do caso. Primeiro o chefe, em seguida os comparsas e finalmente os simpatizantes. A terra engoliu Corá, sua família e todos seus pertences. O fogo consumiu os 250 príncipes com seus incensários profanos. Por fim, a praga caiu sobre o acampamento.

Ao ouvir o juízo divino, Moisés demorou-se em sair do caminho. Seu coração de pastor, cheio de interesse e cuidado pelo rebanho, temeu a destruição total do povo. Ele então orientou o irmão a oferecer incenso com o fogo do altar e fazer expiação por eles (v. 46). O relato bíblico afirma que a praga cessou quando a intercessão começou (v. 48).

Conclusão

Paulo nos aconselha em 1 Coríntios 10 a aprender com a experiência do povo de Israel. Semelhante a eles, estamos a caminho da Terra Prometida. Devemos lembrar que conflitos e disputas internas atrasam a marcha e retardam a chegada ao destino. Aqueles que realmente se importam em chegar lá não podem se distrair com disputas, inveja e intrigas.

A profecia indica, a exemplo do próprio passado, que tropeços e conflitos ocorrerão. Contudo, Deus salvará os que se voltam a Ele em arrependimento, e pelo bem destes, o acampamento precisará ser visitado por Seus juízos.

Israel não foi aniquilado porque a intercessão do sacerdote deteve o braço da vingança. Vivemos em outros tempos, mas continuamos precisando de gente disposta a caminhar com o incensário no meio do acampamento para que o juízo seja dosado com a misericórdia. ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 342.
- 2 White, *Patriarcas e Profetas*, p. 342.
- 3 White, *Patriarcas e Profetas*, p. 342.
- 4 White, *Patriarcas e Profetas*, p. 346.



JESUS, SIM! DOCTRINAS, NÃO?

Dois lados da
mesma moeda

“ **A**s pessoas não se importam se existe ou não um santuário no Céu, ou se os dias da criação são literais ou não. Tampouco precisam aprender sobre o sábado, o juízo investigativo ou coisas do tipo. As pessoas querem ouvir sobre Jesus, não sobre doutrinas.”

Essas e outras afirmações semelhantes são ouvidas frequentemente em reuniões de estudo, congressos bíblicos, nos cultos e em diferentes meios de comunicação. Ainda que com retóricas diferentes, todas parecem apontar para a mesma ideia: doutrinas bíblicas não são importantes, somente Cristo e Seu amor é que realmente importam.

É Jesus realmente mais importante que as doutrinas? Para responder a essa pergunta, temos que começar pelo essencial. O que se entende por doutrina? Por que as igrejas formulam doutrinas?

O que é uma doutrina?

O *Dicionário Houaiss* define “doutrina” como o “conjunto das ideias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico [...] a serem transmitidas, ensinadas”.¹

A doutrina se desenvolve diante da necessidade de

formular alguma ideia que precisa ser crida e compartilhada. Por serem ideias ou opiniões individuais ou coletivas sobre diversos âmbitos da vida, elas podem ser estruturadas de forma simples ou mais complexa. Os níveis de significados variam de acordo com o contexto.

O nível mais simples é como o dicionário o definiu. Se assemelham a opiniões sobre um tema e pretendem ter validade universal. Em um nível intermediário, podem se referir a um conjunto de declarações mantidas por algum grupo ou instituição. Essas declarações podem ir se refinando com o tempo. Finalmente, em um sentido mais rigoroso, são expressões *infalíveis* estabelecidas por um corpo oficial, seja este político ou religioso, que determina a identidade do grupo ou da entidade. Nesse caso, também são conhecidas como dogmas.²

O que a Bíblia afirma sobre a doutrina?

Aqueles que subestimam a importância de um sistema doutrinário para o cristianismo atual desconhecem ou ignoram o valor que o Antigo e o Novo Testamento deram aos ensinamentos autoritativos. De fato, a prática de instruir e ensinar era bastante comum para o povo de Deus.

Se olhar com atenção, o leitor perceberá que acabo de equiparar doutrina a ensinamentos autoritativos e

instruções. Por que fiz isso? Bem, em matéria de teologia e religião, “uma doutrina é tudo o que a Bíblia nos ensina hoje sobre um tema específico”.³ “É uma declaração de crença que um grupo de crentes faz e considera verdadeira.” E, como bem assinala John M. Fowler, “nenhum corpo religioso pode existir ou começar a funcionar sem um sistema doutrinário central que seja aceito pelos adeptos desse corpo”.⁴

Então, o que a Bíblia tem a nos dizer sobre esse tema? No Antigo Testamento, descobrimos que o Pentateuco é o manual de doutrina ou de ensinamentos para o povo de Israel. É um documento autoritativo para sua teologia e práxis. É referido como “lei” (Dt 1:5), “livro desta lei” (Dt 28:61), “livro da lei de Moisés” (Js 8:31), “lei de Moisés” (Js 8:32), “livro da lei de Deus” (Js 24:26), “lei do SENHOR” (2Re 10:31) ou “livro da lei do SENHOR” (Ne 9:3). Na Bíblia hebraica, esse conjunto de princípios e normas comportamentais é conhecido como Torá. Embora essa palavra seja muitas vezes traduzida como lei, vai além de um mero código legal, porque também significa direção, instrução e ensino.

Por outro lado, o Novo Testamento em reiteradas ocasiões destaca a importância da doutrina correta (Rm 16:17; 1Tm 6:3, 4; Tt 1:9; 2:1). Os escritores neotestamentários usaram dois vocábulos gregos para se referir a ela: *didachē* e *didaskalia*. Em ambos os casos, o “significado vai desde o ato de ensinar (transmitir) e exercitar, até a ‘pregação’ que se pretende manter em nível elevado e solene, mas que pode significar a transmissão de um conjunto de ensinamentos já estabelecidos”.⁵ Dessa forma, esses termos realçam a necessidade de ensinar e aprender.

Igreja e doutrinas

O livro de Atos relata que a igreja apostólica perseverava na doutrina e no ensino dos apóstolos (At 2:42). Eles tinham um ensinamento que foi analisado pelo Sinédrio de Jerusalém (At 5:28) e que até

maravilhava as autoridades seculares (At 13:12). Por outro lado, é também importante reconhecer que, guiados pelo Espírito Santo, os apóstolos revitalizaram os ensinamentos das Escrituras hebraicas e que tinham sido restaurados pelo próprio Senhor Jesus durante Seu ministério terrestre (Lc 24:27, 44).

Eles realizaram esse grande trabalho porque nos tempos apostólicos os falsos ensinamentos já estavam brotando rapidamente e estavam influenciando a igreja nascente. Essas falsas doutrinas foram referidas por Paulo como “doutrinas de homens” (Cl 2:22), “fábulas e genealogias sem fim” (1Tm 1:4), “discussões inúteis” (v. 6) e “ensinos de demônios” (1Tm 4:1), entre outros.

Por isso, Paulo exortou o jovem Timóteo a se manter “alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina” (1Tm 4:6). Além disso, exortou-o à “leitura pública das Escrituras, à exortação, ao ensino” (v. 13).

Doutrinas podem afetar negativamente a vida?

Quando eu cursava o primeiro ano de Teologia no Seminário, eu conversava regularmente com um colega que me havia confessado que tinha vindo ao Seminário em busca de respostas, pois se sentia frustrado por não encontrá-las nas outras denominações que havia visitado. Confessou-me que certas doutrinas de alguns movimentos religiosos lhe produziam uma “esquizofrenia” espiritual. A primeira doutrina tinha que ver com Jesus Cristo. Comentou que lhe ensinaram que Jesus Cristo não era Deus igual ao Pai, mas um deus menor criado pelo Pai.

Meu colega estava confuso, porque se Jesus era um ser criado, sua morte na cruz não seria suficiente para salvar todos os pecadores. Pedi-lhe que lesse Isaías 43:10. Eu lhe contei que alguns estabeleciam doutrinas tomando como base apenas alguns textos da Bíblia, ignorando o contexto maior ou o restante do cânon bíblico. Ao ler Isaías, esse amigo percebeu que o próprio Deus disse: “Antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá.” Então, eu lhe perguntei: “Como é possível que alguns ensinem que Cristo é um deus menor e um ser criado, se o próprio Senhor diz que não houve nem há outro Deus fora Ele?” Se Jesus foi realmente criado, o ensino bíblico sobre a Trindade está errado.

Portanto, se um ensinamento que pretende ser bíblico não se harmoniza com as Escrituras, ele não é correto e deve ser rejeitado. Aquilo que cremos sempre tem um impacto no que fazemos; por isso, doutrinas não são simples questões teóricas. Pelo contrário, elas influenciam direta e indiretamente nossa experiência de vida.

Cristo e as doutrinas

Ora, “é verdade que a Escritura não é um livro-texto de Teologia Sistemática. Também é verdade que Jesus não nos deixou uma série de estudos sobre temas bíblicos”.⁶ No entanto, isso não significa que Jesus não tenha Se preocupado com os ensinamentos bíblicos. Em realidade, Ele “manteve-as, defendeu-as, mostrou sua beleza e promoveu novas perspectivas”. Então, ante a insistente pergunta do que é importante – Cristo ou as doutrinas? –, devemos responder afirmativamente de que é impossível separar Um das outras. Acho que são dois lados da mesma moeda.

Jesus Se dedicava a ensinar sobre o reino de Deus (Mt 3:2; 4:23; Mc 4:26; Lc 4:43) e as pessoas se maravilhavam com Sua doutrina (Mt 7:28; 22:23; Mc 1:22; 11:18). Ainda que, para alguns, os ensinamentos de Cristo fossem “novos” (Mc 1:27), já que contradiziam os ensinamentos dos fariseus (Mt 15:9; Mc 7:7), o que Ele ensinava não era outra coisa senão os preceitos revelados por Deus nas Escrituras hebraicas (Mt 5:17; 26:56; Mc 14:49).

Antes de ascender aos céus, Jesus pediu a Seus discípulos que ensinassem os “novos discípulos a obedecerem a todas as ordens” que Ele lhes havia dado (Mt 28:20, NVT). Se doutrinas não fossem importantes, por que Jesus confiaria o trabalho do ensino aos discípulos? Além disso, já que Jesus é o personagem central da Escritura, que aconteceria se O deixássemos fora dos ensinamentos/doutrinas bíblicas? Como poderíamos obter o perdão dos nossos pecados? Que sentido teria a morte na cruz, a ascensão e o retorno de Cristo? Nenhum dos ensinamentos cristãos faria sentido sem Cristo. A humanidade encontra sua razão de ser Naquele que venceu Satanás, o pecado e a morte.

Portanto, é importante compreender que as doutrinas têm a finalidade de ajudar os crentes sinceros a fortalecer sua relação com Jesus conforme aquilo que foi estabelecido pela própria Revelação divina. Nessa linha de raciocínio, os editores do livro *Nisto Cremos* afirmaram: “Escrevemos este livro sob a profunda convicção de que todas as doutrinas, quando corretamente compreendidas, centralizam-se Nele, ‘o Caminho, e a Verdade, e a Vida’ (Jo 14:6), o que as torna extremamente importantes.”⁷

Salvador e Senhor

É bastante atraente falar do amor de Deus e enfatizar que Ele nos ama. Sim, Deus nos ama e deseja nos salvar. Não deveria haver dúvida quanto a isso. No entanto, essa crença pode ser distorcida por uma experiência religiosa de pouco ou nenhum compromisso. Por saberem que Deus os ama, muitos acreditam que Ele não lhes exigirá nada.

Esse conceito se tornou muito popular no cristianismo atual. No entanto, aqueles que buscam uma experiência com Jesus como Salvador, e não estão dispostos a aceitá-Lo como Senhor, devem se lembrar do que a Escritura diz a respeito. “Se alguém diz: ‘Eu O conheço’, mas não obedece a Seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele” (1Jo 2:4, NVT). Aceitar Jesus como Senhor significa obedecer-Lhe.

O que devemos fazer para nos mantermos unidos ao Senhor? Posso destacar duas coisas:

1) Estabelecer um compromisso com os ensinamentos de Jesus, segui-Lo e deixar-se transformar por Ele. Paulo nos lembra: “Não imitem o comportamento e os costumes deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma mudança em seu modo de pensar, a fim de que experimentem a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para vocês” (Rm 12:2, NVT).

2) Recordar o que Jesus disse: “Nem todo o que Me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21).

Conclusão

Doutrinas sempre foram de grande relevância para o povo de Deus. Jesus as restaurou durante Seu ministério terrestre e os apóstolos as revitalizaram.

A cultura pós-moderna, no entanto, tem subestimado a importância das doutrinas bíblicas, ou simplesmente as rejeitou por completo. Como resultado, muitos cristãos sinceros adotam práticas contrárias à sã doutrina estabelecida pela Bíblia, ou enfatizam certos ensinamentos de forma aleatória.

Esse é o caso daqueles que dizem: “Eu não preciso de doutrinas. Tudo de que preciso é amor.” Sem doutrinas, a igreja corre o risco de perder sua identidade e missão, e se transformar em um clube ou centro cultural. Além disso, os membros da igreja estarão mais expostos “a espíritos enganadores e doutrinas de demônios” (1Tm 4:1). Por isso, mediante as doutrinas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia busca o crescimento teológico e uma vivência que leve seus membros à unidade na fé e ao cumprimento da missão no cenário escatológico que a define como remanescente. Estou convencido de que as doutrinas devem ser cristocêntricas e devem nos conduzir a uma prática coerente. Assim, somos chamados a ter uma relação genuína com Jesus e a aceitar e obedecer Seus ensinamentos. ■

Referências

- ¹ Instituto Antônio Houaiss, “Doutrina”, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2009), p. 711.
- ² “Dogma” é um termo frequentemente usado pela teologia católica romana. O conceito refere-se com frequência às doutrinas que contam com o respaldo oficial do magistério da igreja. É considerado uma verdade absoluta, infalível, inquestionável e irrevogável. Cf. Bernard Meunier, “Pourquoi les Dogmes Vinrent?”, *Théophilyon* 7 (2002), p. 51-74.
- ³ Wayne Grudem, *Systematic Theology. An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p. 25.
- ⁴ John M. Fowler, “Os Adventistas do Sétimo Dia e suas Crenças Fundamentais”, *Diálogo* 34 (2022), p. 9.
- ⁵ K. Wegenast, “Enseñanza”, em *Diccionario de Teologia del Nuevo Testamento*, eds. Lothar Coenen, Erich Beyreuther e Hans Bieterhard, 3ª ed. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1990), v. 2, p. 79.
- ⁶ Ekkehardt Mueller e Elias Brasil de Souza, “Reflections on Jesus and Biblical Teachings”, em *Affirming Our Identity: Current Theological Issues Challenging the Seventh-day Adventist Church*, eds. Dan-Adrian Petre, Joel Iparraguirre e J. Vladimir Polanco (Madrid: Editorial Safeliz, 2023), p. 87.
- ⁷ Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Nisto Cremos: As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 9.



José Calixto
pastor jubilado,
reside em Curitiba, Paraná

MINISTÉRIO



PASTOR EXEMPLAR

Raízes bíblicas e aplicações
contemporâneas do
ministério pastoral

Pastorear rebanhos era um emprego nobre da antiguidade. Abel (Gn 4:2), Jabal (v. 20), Abrão (13:2), Isaque (26:14), Jacó (30:43), José (37:2), Moisés (Êx 3:1) e muitas outras personalidades bíblicas cuidaram de rebanhos. Na literatura grega antiga, o título “pastor” também era designado a soberanos e filósofos, como Homero, Hesíodo e Platão.¹ Já a literatura hebraica atribuiu o termo a Deus, como o “Pastor de Israel” (Gn 49:24), e também aos que cuidavam de animais e de pessoas.

Este artigo destaca o pastoreio que, com trabalho, dedicação e responsabilidade, cuida do rebanho do Senhor. O cuidado de ovelhas é uma ilustração que o próprio Jesus ensinou e exemplificou em Seu ministério terrestre, deixando-nos preciosas lições. Ele é o Bom Pastor, o Pastor Modelo, que ama e serve Suas ovelhas a ponto de morrer por elas (Jo 10:11). Se aplicarmos as orientações do divino Pastor, teremos êxito em nosso ministério.

Pastoreio de animais

Nos tempos bíblicos, o pastor conduzia o rebanho às pastagens verdejantes e permanecia ao lado dele o tempo todo (Gn 31:38-40, Ct 1:7, Lc 2:8). Ele cuidava das ovelhas doentes e gestantes, além de proteger o rebanho contra feras (Jr 43:12). Essa atividade era confiada aos filhos (Gn 37:2), às filhas (29:9) ou a um assalariado (30:31, 32), e exigia vigilância constante.² Ellen White comenta: “Ladrões das tribos nômades das fronteiras ou animais de rapina saindo dos covis nas rochas ficavam à espreita para atacar o rebanho. O pastor vigiava o que possuía, sabendo que isso colocava sua vida em risco.”³ Como defesa, os pastores tinham cães que sinalizavam o perigo, uma prática comum no tempo patriarcal.⁴

Foto: Adobe Stock e gentileza do autor

Foto: Adobe Stock e gentileza do autor

O pastor negligente devia pagar o preço do animal que desaparecesse, como no caso de Jacó e seu sogro Labão (Gn 31:39). A lei mosaica liberava o assalariado dessa obrigação, caso provasse que o desaparecimento não havia sido por negligência (Êx 22:10-13).

A atividade pastoril envolvia um elevado nível de responsabilidade, integridade e relevância. Ao longo do tempo, essa função ganhou destaque entre profetas, sacerdotes e reis. Alguns deles foram considerados pastores subalternos,⁵ ou seja, líderes que cuidavam de pessoas nos aspectos físico, social, cívico e espiritual. O termo hebraico, *roêh*, "pastor", tem vários sentidos, como "governante", "professor", "um amigo especial", "alguém que alimenta e cuida".⁶ Assim, as responsabilidades do pastoreio de ovelhas também podem ser aplicadas ao cuidado de pessoas – algo que ganhou forte relevância nas Escrituras.

Pastoreio de pessoas

Tratando do pastoreio de pessoas, R. Laird Harris destacou que, "desde a antiguidade remota, havia a legitimidade dos governantes em função de sua capacidade de pastorear os seus respectivos povos. Hamurabi e muitos outros governantes da Antiga Ásia ocidental foram chamados de pastores e descritos como líderes que pastoreavam seus súditos".⁷

A prática do pastoreio foi adotada por Deus, ao comissionar pastores para liderar Seu povo. Moisés, que cuidava de animais em Midiã (Êx 3:1), foi chamado por Deus para tirar os israelitas do Egito. Davi, que pastoreava o rebanho de seu pai (2Sm 5:2), foi ungido rei da nação escolhida. O rei persa Ciro, que antes de nascer foi escolhido para repatriar Israel, também foi chamado por Deus de "pastor" (Is 44:28). Diante da morte, Moisés pediu a Deus que colocasse um pastor sobre Israel, a fim de que as "ovelhas" fossem bem cuidadas (Nm 27:16, 17). Séculos depois, aqueles que desempenhavam um ministério leal e responsável ficavam na memória do povo de Deus como "pastores" (Is 63:11).

Os profetas do exílio realçavam a dedicação pastoral e repreendiam os que maltratavam o rebanho e viviam às suas expensas. Sobre isso, John Taylor destacou: "Esse ofício pastoral se tornou tão indispensável aos olhos de Deus que, aos que negligenciavam, não cumprindo os propósitos para os quais foram chamados [...] eram pronunciados terríveis ais e descritos como pastores brutos que destruíam as ovelhas."⁸

Os profetas Ezequiel e Jeremias indicam que o pastoreio negligente seria castigado, as ovelhas sinceras seriam devolvidas às suas pastagens e surgiria o Bom Pastor (Ez 34:1-6; Jr 23:3-5). Quanto à profecia de Ezequiel 34:11 e 12 de que Deus buscaria Seu rebanho como um Pastor de ovelhas, Ellen White comenta que Cristo a aplicou para Si

mesmo, "e mostrou o contraste entre Seu caráter e o dos líderes de Israel".⁹

Em meio a um cenário pastoral negligente, foi prometido o Pastor messiânico (Ez 34:23, 24; Mq 5:3; 4:8), que "apascentaria as ovelhas com perfeita dedicação".¹⁰ O profeta Zacarias anunciou a vinda do Bom Pastor e destacou vários modelos pastorais contrastantes.

Pastoreio uivante

O pastor *uivante* fazia o povo se perder (Zc 11:3-5). Os pastores insensatos, além de traficarem as ovelhas, tinham a "audácia de benedizer ao Senhor pela fortuna adquirida dessa forma (v. 5). Cegados pelo próprio interesse, eles não se consideravam culpados quando pecaminosamente maltratavam o rebanho".¹¹ Wiersbe comentou que "era comum os pastores levarem as ovelhas para o matadouro, mas nesse caso os próprios pastores é que seriam levados para o abate!"¹²

Para exemplificar o pastoreio "uivante" e negligente, Deus ordenou que Zacarias fizesse o papel de um pastor moralmente deficiente, corrompido e inútil, que não procurava as ovelhas perdidas, não alimentava o rebanho nem curava as feridas, mas as abatia para se alimentar (Zc 11:15-17). Esse era o retrato dos líderes de Israel que deixaram de olhar para o Bom Pastor.

O renascentista John Bunyan refletiu sobre as consequências desse descuido: "Não te doerá ver toda a tua igreja ir atrás de você para o inferno? [...] Ó ente vil e maldito, que não te contentaste, guia cego como foste, em cair tu mesmo no fosso, mas também nos arrastaste contigo para o mesmo lugar?"¹³ Nesta era final, quando muitos têm o título de pastor, mas vivem às expensas de vantagens e posições pessoais, o alerta de Bunyan é relevante.

“
Quando amamos
a Deus e nos
interessamos
pelas pessoas
por quem
Jesus morreu,
nossa vocação
ministerial se
torna semelhante
a um romance
apaixonado.

”

Pastoreio verdadeiro

Em vez de pedir que Zacarias pregasse um sermão, o Senhor ordenou que ele fizesse o papel do líder que cuida do povo com zelo e respeito. Ele adquiriu um rebanho e se tornou pastor. O profeta, então, apropriou-se de dois instrumentos: uma vara para conduzir as ovelhas e um cajado para protegê-las. A Bíblia diz: “Apascentei as ovelhas destinadas para o matadouro pelos negociantes das ovelhas. Peguei dois cajados: a um chamei ‘Graça’ e a outro, ‘União’. E apascentei as ovelhas” (Zc 11:7).

Zacarias deu atenção especial aos oprimidos que precisavam de maior cuidado.¹⁴ O pastoreio leal e fiel vivido por Zacarias, que mantém os de dentro e evangeliza os de fora, foi exemplificado pelos apóstolos (At 11:29, 30) e hoje pode ser cumprido no ministério dos servos de Deus. O Espírito Santo se mantém à disposição para cumprir essa obra (Jo 14:16). Seu ministério também está repleto de “graça” e “união”? Você está protegendo as ovelhas “de dentro” e buscando as “de fora”? Que tipo de recompensa espera obter no fim da sua jornada? Isso me faz lembrar de uma história.

Depois de quatro décadas servindo a Deus no campo missionário africano, Henry C. Morrison retornou de barco para os Estados Unidos. Durante a viagem, ele notou que Theodore Roosevelt, o então presidente do país, também estava a bordo. Ao chegar ao porto de Nova York, Morrison sentiu-se decepcionado ao ver o presidente sendo recebido por uma grande comitiva, enquanto ele, que dedicara sua vida a Deus por tantos anos, não tinha ninguém à sua espera. Nesse momento de tristeza, Morrison ouviu a voz de Deus dizendo: “Henry, você ainda não chegou em casa.”

A grande recompensa do pastor fiel será nas mansões celestiais. Lá, Jesus e Seus anjos estão à sua espera para lhe dar as boas-vindas, entregar-lhe uma coroa de glória e dizer: “Muito bem, servo bom e fiel; você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu Senhor” (Mt 25:23).

Pastoreio divino

Isaltino Gomes afirmou que o verso “‘Levante-se, ó espada, e ataque o Meu Pastor e Aquele que é o Meu companheiro’, diz o SENHOR dos Exércitos. ‘Fira o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. E voltarei a Minha mão para os pequeninos’ (Zc 13:7), não refere a um pastor qualquer, mas prefigurava o Pastor Supremo que viria à Terra para dar a vida por Suas ovelhas, Seu povo”.¹⁵

O rei Davi, poeticamente, apresentou Jesus como o Pastor suficiente que cuida de Suas ovelhas (Sl 23:1-3). O salmo 23 foca no que Jesus faz por Seu povo continuamente: Ele supre as necessidades, em qualquer circunstância. Mesmo em face a sofrimentos, opressões, descuidos e perversidades, as forças se renovam ao saber que o Senhor é o Bom Pastor que está sempre presente.

Ao dar a própria vida pelas ovelhas, o Pastor Divino se afeiçoou de Suas ovelhas (Ez 34:31) e realiza uma obra de pastoreio autêntico (Mt 26:31). Em Sua morte, Jesus estabeleceu uma relação de conhecimento íntimo conosco, e desempenhou o papel de Bom Pastor, que atrai as ovelhas para Seu redil (Jo 10:14, 15).

A amplitude, paixão e propósito de Deus para com o pastoreio em todos os tempos, motivam os líderes chamados por Cristo a uma consagração diária da vida e da família a Deus, a uma visão mais ampla da pregação do evangelho e a fazer planos e objetivos mais específicos para capacitar e santificar a igreja.

Quando amamos a Deus e nos interessamos pelas pessoas por quem Jesus morreu, nossa vocação ministerial se torna semelhante a um romance apaixonado. Seu pastoreio está nesse nível? Seu foco está em Cristo e Seus méritos salvíficos?

Que em nosso ministério permaneçamos otimistas, esperançosos e apaixonados, estando em lugares privilegiados ou desconhecidos, sempre convictos de que as palavras de Pedro se cumprirão em nós: “E, quando o Supremo Pastor Se manifestar, vocês receberão a coroa da glória, que nunca perde o seu brilho” (1Pe 5:4). ■

Referências

- ¹ *Enciclopedia de la Biblia* (Barcelona: Garriga, 1963), v. 5, p. 911.
- ² *Enciclopedia de la Biblia*, v. 5, p. 911.
- ³ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 385.
- ⁴ Samuel L. Ventura, *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado* (Barcelona: Clie, 1985), p. 896.
- ⁵ *Enciclopedia de la Biblia*, v. 5, p. 911.
- ⁶ Charles F. Pfeiffer, *Wycliffe Bible Encyclopedia* (Chicago: Moody Press, 1975), v. 2, p. 1284.
- ⁷ R. Laird Harris, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998), p. 1438.
- ⁸ John B. Taylor, *Ezequiel – Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1984), p. 196.
- ⁹ White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 383.
- ¹⁰ Mário Veloso, *Comentário do Evangelho de João* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), p. 228.
- ¹¹ Francis Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), v. 4, p. 1221.
- ¹² Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo – Proféticos* (Santo André, SP: Geográfica, 2008), v. 4, p. 580.
- ¹³ Citado em Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos* (1980), v. 2, p. 11. Disponível em <link.cpb.com.br/27b4f4>, acesso em 29/5/2023.
- ¹⁴ O povo queria que Zacarias desistisse! Ele pediu seu pagamento e lhe deram trinta moedas de prata, o preço de um escravo (Êx 21:32), uma quantia que ele chamou sarcasticamente de “magnífico preço”. Zacarias desgostou-se tanto com seu pagamento que foi ao templo e jogou as moedas para o oleiro que estava trabalhando lá, talvez fazendo vasilhas para os sacerdotes. Esses gestos foram proféticos, pois Judas vendeu Jesus por trinta moedas de prata, levou o dinheiro de volta e o jogou no templo (Mt 27:1-10). Os sacerdotes usaram o dinheiro para comprar o campo do oleiro e transformá-lo em um cemitério para estrangeiros. Ver Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo – Proféticos*, v. 4, p. 580.
- ¹⁵ Isaltino G. C. Filho, *Os Profetas Menores* (Rio de Janeiro: Juerp, 2002), v. 2, p. 158, 159.



CONFLITO



COMPLETE SUA COLEÇÃO



- Vocabulário contemporâneo e mais acessível
- Revisão de citações das fontes
- Diagramação mais compacta
- Paginação da edição em inglês na lateral

EM BREVE COLEÇÃO COMPLETA



VERSÃO ENCADERNADA
35 LIVROS

VERSÃO BROCHURA
61 LIVROS

Refleta
sobre três
áreas importantes
da natureza e vida
da igreja: adoração,
ministério e autoridade.
No século 21, esses temas têm
sido alvo de diálogo e debate
não só nos círculos acadêmicos, mas
também nas congregações locais em
muitas partes do mundo.

Em cada capítulo deste livro, teólogos apresentam
a história da liturgia cristã e analisam temas como
ordenanças da igreja, contextualização, sacerdócio para
pastores, líderes, acadêmicos, membros da igreja e muito
mais.

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • WhatsApp (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor WhatsApp (15) 3205-8910
atendimento@livrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



Facebook Instagram Twitter YouTube /cpbeditora



RELIGIÃO E SERVIÇO SOCIAL



**Vanderlei José
Vianna**

advogado assistente da
Divisão Sul-Americana

Há alguns meses, o trabalho social realizado por um sacerdote católico com moradores de rua gerou discussões na mídia, dividindo opiniões. O religioso, que tem mais de 2 milhões de seguidores no Instagram, juntamente com voluntários, distribui diariamente alimentos, roupas, cobertores e outros itens para a população em situação de rua, muitos dos quais são usuários de drogas. Essa ação se concentra especialmente na região conhecida como “cracolândia”, localizada no centro de São Paulo.

Alguns argumentam que a atividade deve ser investigada para verificar se há uso de verba pública, se o trabalho do religioso tem cunho eleitoral e se os resultados beneficiam de fato os necessitados ou perpetuam a presença deles na rua, prejudicando a implementação de políticas de segurança pública e a revitalização na região central de São Paulo.

Se forem aprovadas pelas autoridades, essas investigações podem afetar não apenas o trabalho do religioso, mas também o de várias organizações de assistência social (ONGs) que atendem às populações vulneráveis, especialmente aquelas que recebem verbas públicas.

Diante de situações semelhantes, surgem questionamentos cruciais: Como as entidades de assistência social mantidas por organizações religiosas podem cumprir a missão sem comprometer princípios éticos e legais? É possível trabalhar em parceria com o Estado (Governo Federal, Estaduais e Municipais), recebendo recursos públicos, e ainda realizar o serviço social conforme o mandamento bíblico de ajudar ao próximo, sem envolver a igreja em questões político-partidárias? É o que veremos neste artigo.

A influência religiosa na área social

Os estudiosos da economia e da sociologia dividem a ordem socioeconômica em três setores: o primeiro setor é público, o Estado, o grande motor social e econômico; o segundo é o Mercado, composto por empresas privadas; e o terceiro são as entidades privadas que realizam atividades de interesse público, como saúde, educação, cultura e assistência social, visando ao bem comum, sem finalidade política ou lucrativa, em parceria ou não com o Estado.

No Brasil, o número de organizações da sociedade civil em funcionamento alcança cifras impressionantes: são 815.676 instituições, segundo dados oficiais.¹ Essas entidades atuam com sucesso em diversas áreas, incluindo ajuda humanitária,

preservação ambiental, promoção cultural, educação, saúde, proteção de espécies em extinção, entre outras.

A presença dessas entidades de ajuda humanitária na América Latina remonta à chegada dos portugueses e espanhóis no início do século 16, quando o Estado e a Igreja Católica estavam unidos e toda atividade social do Estado era realizada por meio dos projetos de caridade da igreja.

Um notável exemplo são as Santas Casas de Misericórdia, que tiveram origem em Portugal, em 15 de agosto de 1498, e chegaram ao Brasil em 1543, com a primeira Santa Casa na cidade de Santos (SP).² Essas instituições continuam a operar centenas de hospitais pelo país, desempenhando papel fundamental em parceria com o Estado na área de saúde e assistência social.

Da mesma forma, milhares de escolas confessionais, desde o primeiro colégio jesuíta em 1539 até outras instituições de ensino protestantes que surgiram após a Proclamação da República em 1891, formam uma parte significativa do sistema educacional nacional. Escolas mantidas por organizações presbiterianas, batistas, adventistas, judaicas, entre outras, contribuem de forma importante para a educação no país.

Por essa razão, é quase impossível dissociar a assistência social no Brasil e na América latina sem a presença das instituições de origem religiosa.

O modelo bíblico

O ministério público de Jesus se estendia por três áreas: espiritual, educacional e física (saúde), como está registrado em Mateus 4:23: “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades entre o povo.”

Como podemos observar, Jesus buscava atender às necessidades físicas do ser humano como forma de abrir portas para alcançar o principal, que é a transformação espiritual. Embora a cura física, o conhecimento doutrinário e a educação formal sejam importantes, o enfoque do ministério de Cristo não era a parte física e social. Basta notar que as pessoas que foram curadas e até ressuscitadas por Ele não permanecem vivas até hoje. Jesus não veio estabelecer um reino político nem pregar um evangelho social, mas sim colocar o ser humano em um nível mais elevado.

Separação Igreja e Estado

Uma das conquistas das democracias modernas foi a separação entre Igreja e Estado. O Estado laico, ou secular, não deve privilegiar ou interferir no trabalho das religiões. É proibido que o Governo Federal, Municipal ou Estadual estabeleçam ou subvençam cultos religiosos ou igrejas, assim como atrapalhe o seu funcionamento. O Estado também não deve manter relações de dependência ou aliança com as igrejas ou seus representantes, embora seja permitida a colaboração de interesse público.

As igrejas são livres para estabelecer seus credos sem interferência do Estado, mas o mesmo não ocorre com as entidades sociais, que devem prestar contas para a sociedade. Por essa razão, para atuar em atividades sociais e manter a laicidade do Estado, a legislação determina que as organizações da sociedade civil, incluindo as religiosas (cristãs ou não cristãs), devem formalizar-se legalmente como entidades jurídicas, como associações e fundações, sem finalidades proselitistas, sendo abertas e transparentes para fiscalização pela sociedade.

Portanto, é proibido que recursos públicos contribuam para o proselitismo religioso. No entanto, não há problema legal ou ético em permitir que entidades mantidas por religiosos, com seu amplo poder de mobilização de voluntários, atuem para auxiliar o Estado no desenvolvimento de políticas públicas que beneficiem toda a sociedade, sem distinção.

Como explicado, é um dever legal evitar o proselitismo religioso e também evitar favorecer ou desfavorecer candidatos a cargos públicos, mesmo que tenham auxiliado na captação de recursos públicos.

O sacerdote católico que atua no centro de São Paulo nega qualquer envolvimento político e favorecimento a candidatos. Ele se reuniu com o prefeito da capital e demonstrou que as atividades de sua entidade não dependem de recursos públicos, mas de doações particulares de simpatizantes da causa. Portanto, sua liberdade de ação, pregação e proselitismo não estão comprometidas.

Conclusão

As entidades sociais da igreja devem rejeitar uma parceria pública caso haja a mais leve sugestão de favorecimento por parte da autoridade

responsável pela liberação dos recursos públicos, seja eleitoral, financeiro ou de visibilidade.

A prestação de contas deve ser realizada de forma estrita, com toda a documentação de suporte perfeitamente resguardada para apresentação à fiscalização, dentro dos prazos estabelecidos e com total transparência. Os recursos públicos devem ser estritamente direcionados para as políticas públicas aprovadas no projeto de execução, sem qualquer desvio de finalidade.

É dever da entidade garantir que os voluntários e líderes do projeto não sejam politicamente expostos devido à visibilidade das ações. É preciso ponderar que uma parceria pública mal conduzida pode colocar em risco a credibilidade da igreja, que é a mantenedora da entidade, causando danos para a organização.

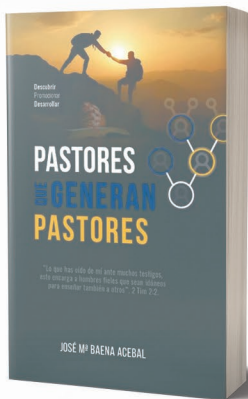
O envolvimento político e partidário deve sempre ser evitado, pois o evangelho é destinado a todos. Jesus não pregou o evangelho para uma classe apenas, mas buscou alcançar pessoas de todas as vertentes filosóficas ou políticas. Todas as barreiras devem ser superadas. Por esta razão, é possível desenvolver o serviço social para aliviar o sofrimento humano em parceria com o Estado, desde que o interesse social seja colocado em primeiro lugar.

O contato com as pessoas que são beneficiárias do projeto pode, naturalmente, abrir portas para a pregação do evangelho, mas isso deve ocorrer como uma consequência da ação e não como sua prioridade. ■

Referências

- ¹ *Mapa das Organizações da Sociedade Civil*, disponível em <mapaosci.ipea.gov.br/mapa>, acesso em 8/2/2024.
- ² *Confederação das Misericórdias do Brasil. Nossa História*, disponível em <www.cmb.org.br/cmb/quem-somos/#historia>, acesso em 8/2/2024.

DICAS DE LEITURA



Pastores que Geram Pastores: Descobrir, Promocionar, Desenvolver

José María Maena Acebal
CLIE, 2024, 160 p.

Todo ministério cristão é chamado a crescer, desenvolver-se e multiplicar. Isso requer a habilidade de escolher, treinar e, no momento adequado, transferir as responsabilidades. Neste livro, o autor analisa exemplos de personagens e textos bíblicos que elucidam o tema. As diferentes fases do processo – seleção, treinamento, desenvolvimento e, finalmente, o revezamento ministerial – revelam que o ministério, para ser bem executado, necessita do trabalho em equipe.



O Caminho da Salvação: Os Cinco Princípios da Reforma

Ricardo Norton
CPB, 2024, 120 p.

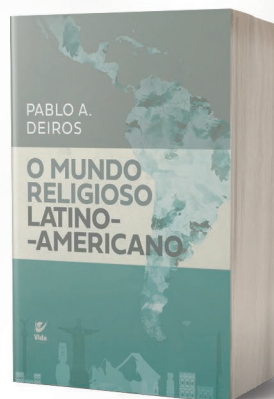
Os reformadores do século 16 usaram a palavra “soamente” em cada um dos princípios que regeram sua conduta e fé. Neste livro, o autor desenvolve com propriedade e clareza cada um dos cinco solas, ampliando nossa compreensão sobre a doutrina bíblica da salvação. Esses princípios estão intimamente conectados e alinhados à essência do evangelho, e continuam tão importantes hoje como eram na época da Reforma.



Tornando-se um Pastor Teólogo

Todd Wilson e Gerald Hiestand
Ultimato, 2020, 240 p.

Embora no passado as funções do pastor e do teólogo estivessem entrelaçadas, muitos têm notado uma crescente separação entre esses dois papéis. Por um lado, isso tem criado pastores com uma pregação mais rasa; por outro, teólogos com um ensinamento mais árido. Que teria sido de Paulo sem suas viagens missionárias? E Bonhoeffer sem sua teologia do discipulado? Essa obra nos convida a refletir sobre a riqueza de um ministério que abraça ambos os lados da responsabilidade.



O Mundo Religioso Latino-Americano

Pablo A. Deiros
Vida, 2021, 496 p.

Vivemos em uma sociedade que, sem perceber, está se esquecendo do seu passado. Movimentos religiosos vem e vão, dando a falsa impressão que não interagem ou deixam sua marca na história. Muitos também são acometidos por um egoísmo histórico, demonstrando pouco interesse pela história de outras religiões. Por isso, muitos líderes religiosos desconhecem a história cristã que moldou e continua moldando a vida, sociedade e política na América do Sul. Conhecer nossa história ajuda a conhecer aqueles a quem tentamos alcançar com a mensagem final.



Eric Richter
editor associado da
revista *Ministério*,
edição em espanhol

UM POVO SINGULAR

PALAVRA FINAL



Sabe como o cristianismo era conhecido em seus primórdios? Alguns líderes judeus o denominavam a “seita dos nazarenos” (At 24:5), mas o apóstolo Paulo se defendeu dizendo que o que eles chamavam de seita era na verdade “o Caminho” (v. 14).

Esse foi o primeiro nome pelo qual o cristianismo foi conhecido (At 18:26; 19:9, 23; 22:4; 24:22). A origem do título deriva do conceito da palavra hebraica *derekh*, que significa “caminho”. Para os antigos hebreus, *derekh* era mais do que um caminho que se podia percorrer; referia-se ao conjunto de valores e hábitos éticos e morais que regiam a vida de uma pessoa. É claro que os primeiros cristãos não viam sua religião como um simples conjunto de rituais e crenças, mas como uma cosmovisão ética, moral e teológica que guiava a vida das pessoas de acordo com o exemplo de Cristo e a revelação divina encontrada nas Escrituras.

Nosso nome também diz muito sobre como consideramos a religião. Somos uma “igreja”, ou seja, um corpo organizado de crentes, o povo remanescente comprometido com a verdade bíblica e dotado de uma missão dada por Deus que devemos cumprir.

Nós somos “adventistas”. Cremos que a segunda vinda de Cristo está próxima e que devemos nos preparar para esse evento, além de

anunciá-lo ao mundo para que todos também estejam prontos. Entregar o coração a Deus, suplicar o perdão dos pecados, viver guiados pelo Espírito e pelos princípios bíblicos são aspectos importantes em nosso preparo para esse grande acontecimento.

Por último, somos “do sétimo dia”. Acreditamos que Deus, como nosso Criador, sabe o que é melhor para nós e conhece as chaves para uma vida plena, próspera e feliz. Portanto, consideramos Seus mandamentos como vigentes e normativos para os cristãos. Isso inclui a observância do sábado (Êx 20:8-11), cuja importância é vital, pois garante que, uma vez por semana, deixemos de lado nossas atividades cotidianas e coloquemos toda nossa atenção em Deus.

Todas essas características expressas em nosso nome nos tornam diferentes? Em parte, sim. No entanto, é importante lembrar que o todo é mais do que a soma das partes. Em outras palavras, não são apenas essas características teológicas que nos diferenciam de outras confissões religiosas, mas sim o fato de que todas estão harmoniosamente unidas em um sistema teológico fundamentado na Escritura.

Esse sistema tem um pano de fundo chamado “o grande conflito”, que reconhece a existência de uma luta entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo, pela salvação das pessoas e a ordem do mundo criado. Além disso, esse sistema teológico está construído em torno de um centro, que é a cruz, e de um eixo, que é o santuário. Ambos os elementos ressaltam que as ações de Deus não são arbitrárias nem improvisadas.

Deus teve como máxima prioridade a salvação da humanidade caída, por meio de um detalhado plano de redenção que foi idealizado antes da criação, teve seu clímax durante o Calvário e continuará até sua conclusão final, que resultará no fim total do pecado e suas consequências, na restauração salvífica da humanidade e no restabelecimento da harmonia e do bem absoluto em todo o Universo.

Certamente somos uma igreja diferente, com identidade, missão e esperança. Obrigado, Senhor Jesus, por ter Se sacrificado na cruz por nós, “a fim de nos remir de toda iniquidade e purificar, para Si mesmo, um povo exclusivamente Seu, dedicado à prática de boas obras” (Tt 2:14). ■

“
**Somos uma
igreja diferente,
com identidade,
missão e
esperança.**
”

Foto: Gentileza do autor

Mockups: Fernando De Lima

“Em tudo seja você mesmo um exemplo
para eles, fazendo boas obras”

(Tito 2:7 NVI).



MKT CPB | Adobe Stock | Foto: William de Moraes

Ancionata

um exemplo de amor e liderança

22 de junho | DIA DO ANCIONATO